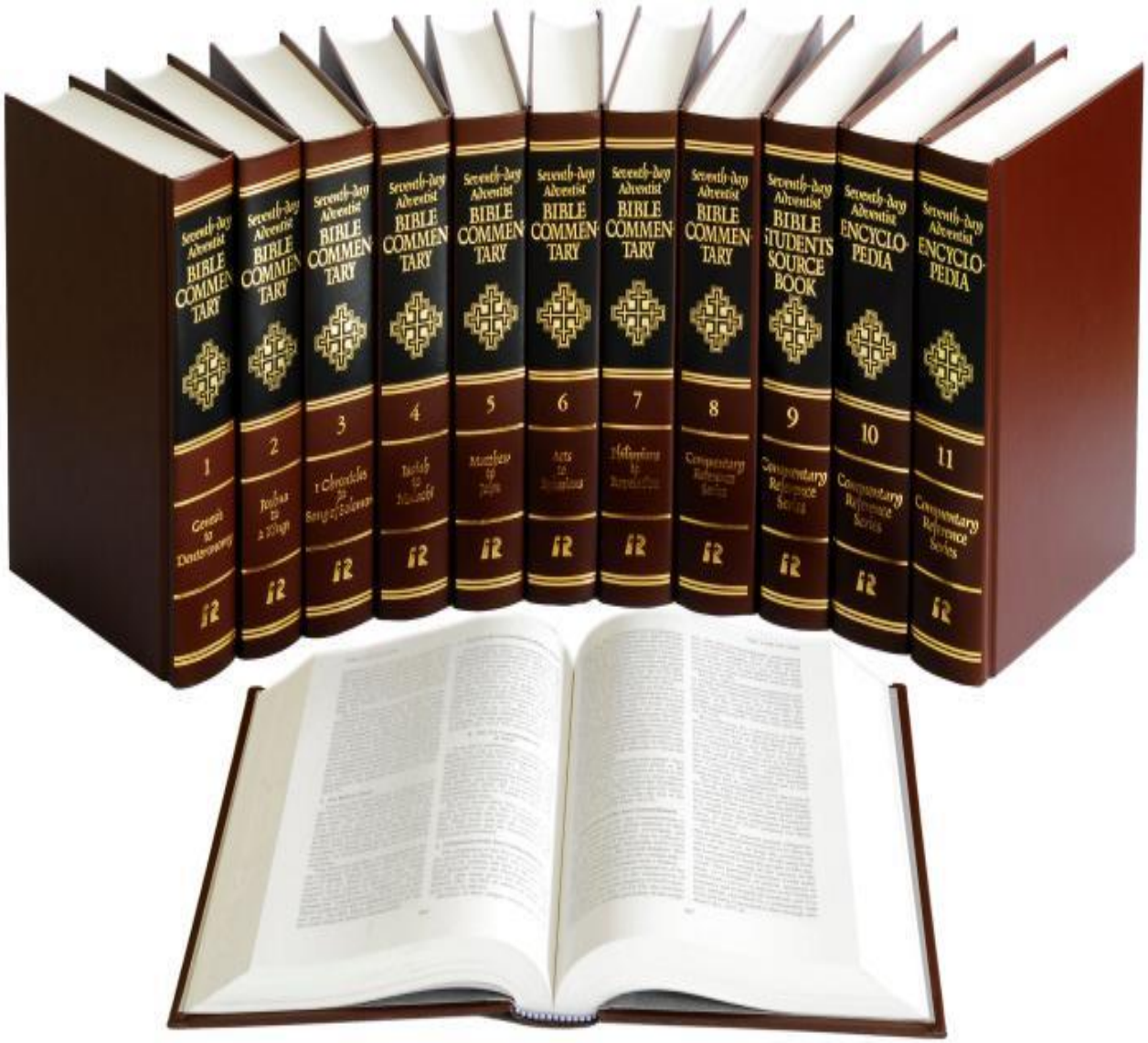
Comentário de Apocalipse (J. W. Scott)



Comentário de Apocalipse 1

Aqui se apresentam a fonte do livro (1), a natureza do seu conteúdo (2) e os abençoados resultados para quem o tomar a sério (3). O (1) é a descoberta de alguma coisa escondida, empregado aqui no sentido de “uma visão e a sua interpretação” (Charles). A última fonte desta revelação é o próprio Deus; Ele a deu a Jesus Cristo para o beneficio da Igreja (seus servos); foi, portanto, enviada por intermédio de um anjo a João que, por sua vez, a transmitiu às "sete igrejas" (4) e, deste modo, a toda a Igreja de Deus. Relata as coisas que brevemente devem acontecer (1); “brevemente” exprime a atitude profética normal e é acentuada através do Novo Testamento (veja Lc 18.8; Rm 16.20; 1Co 7.29-31; Tg 5.8; 1Pe 4.7; Ap 1.3; Ap 22.20).

Além disso, o define-se como a palavra de Deus, o testemunho de (dado por) Jesus Cristo, quanto a tudo o que (o vidente) viu. Em Ap 1.9 e Ap 20.4 se unem as primeiras duas frases para representar toda a verdade de Deus; aqui significa as palavras desta profecia (3). Invoca-se a bênção sobre quem o lê; em voz alta, à congregação em assembléia e sobre os que ouvem e observam o que se ordena. São duas classes aqui e não três; os últimos dois particípios se regem por um sujeito. Cfr. Lc 11.28.

Às sete igrejas que estão na Ásia (4), isto é, na província romana daquele nome, são enumeradas no vers. 11. Quase não se deve duvidar de que elas representem também a Igreja em sua integralidade, como se vê na conclusão de cada uma das sete cartas, “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. Aquele que é, e que era, e que há de vir (4) é um título para Deus, acentuando tanto a sua eternidade, como a sua relação vital à história. A última frase (“que há de vir”, ao invés do esperado “que será”) constitui não somente uma alusão cônscia à segunda vinda de Cristo, mas dá a entender que o evento mais importante do futuro é aquele aparecimento que será também a vinda de Deus. Os sete espíritos que estão diante do seu trono (4) é provavelmente uma designação do Espírito Santo. Pode ter-se originado no pensamento do vidente através da interpretação popular de Is 11.2-3 como sendo uma sétupla dotação espiritual do Messias ("os sete olhos do Senhor que discorrem por toda a terra", de Zc 4.10; ver Ap 4.5-6) e a sua representação da Igreja universal pelas sete igrejas locais a que ele escreve em particular. Expositores modernos (e alguns antigos, v. g. Andreas e Aretas) freqüentemente interpretam os sete Espíritos como sendo seres angélicos, talvez os sete arcanjos da angelologia judaica e considerando o conceito como remontando, através da religião persa, ao culto babilônico do sol, lua e cinco planetas. Charles opina a favor desta interpretação (se bem que considere a sua presença aqui devido à interpolação), porque em Ap 3.1 os sete Espíritos de Deus parecem assemelhar-se às sete “estrelas” (que representam os anjos das igrejas). Porém, em parte nenhuma, é dito que esses Espíritos cultuem a Deus, ainda que todas as demais classes de seres angélicos sejam mencionadas como assim fazendo. A respeito de Ap 3.1, escreve Kiddle, “Quando reconhecemos que o “sete” em cada caso tem a idéia de unidade e integridade, ao invés de diversidade, de tal modo que devemos pensar dum só Espírito e de uma só Igreja, em vez dos sete Espíritos e das sete igrejas, então temos em vista uma possível solução... Os sete Espíritos e as sete estrelas desta forma significam o Espírito profético e o caráter celeste da Igreja, que o Espírito vivifica” (*Revelation*, Moff. Comm., pág. 87).
Jesus é a fiel testemunha (5) não só com respeito a esta revelação, mas no que diz respeito a toda a verdade de Deus. Cfr. Jo 18.37. Ele é o primogênito dos mortos (5), no sentido de ser o primeiro a ressuscitar dos mortos e, deste modo, "as primícias dos que dormem" (ver Cl 1.18 e 1Co 15.20). João, porém, pode estar citando Sl 89.27-28. Nesta passagem o “primogênito” foi interpretado, pelos judeus, como referência ao Messias, no sentido de “soberano” (até mesmo Deus era às vezes chamado “primogênito”). Se este pensamento predomina na mente de João, então Jesus aqui é chamado “soberano dos mortos”, um apto paralelo ao "príncipe dos reis da terra" (5), sendo ambos os títulos aplicáveis a Ele, em virtude de sua ressurreição.
Àquele que nos ama, e em seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constitui reino, sacerdotes para o seu Deus. Esta tradução da ARA é superior à da ARC. (A tradução “lavou” (ARC) em vez de “libertou” sente a influência de Ap 7.14). É significante a diferença no tempos dos verbos, o amor (“nos ama”) sendo constante e a redenção

("libertou") uma vez para sempre. A bênção toda remonta ao êxodo do Egito, o vers. 6, sendo citação de Êx 19.6. Através do livramento realizado pela sua morte e ressurreição, Cristo já trouxe o seu povo do domínio do pecado e fez dele um reino que todos nós somos sacerdotes. Consideram alguns que o "reino" significa uma nação debaixo de um rei, mas, à vista de tais passagens como Ap 5.10; Ap 20.6; Ap 22.5, parece provável que aqui significa uma nação de reis.
O vers. 7 reproduz Mt 24.30, exceto que são transpostas as cláusulas seguintes: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória". A declaração une duas escrituras do Velho Testamento. Dn 7.13 e Zc 12.10. O ponto correspondente na visão deste livro é Ap 19.11-21. Como no término do livro, assim também aqui, o profeta registra sua aprovação ardente desta promessa com as palavras "sim, Amém".

Alfa e Ômega (8) a primeira e a última letras do alfabeto grego. É provável que a frase traduza para os leitores gregos um idiotismo hebraico pelo qual a primeira e última letras do alfabeto eram usadas para exprimir totalidade. Era dito, por exemplo, que Adão transgrediu a lei "de álefe a tau"; Abraão, pelo contrário, guardou a lei "de álefe a tau". Neste vers. 8 o sentido é que Deus é o Senhor de toda a história, seu princípio, seu fim e todo o seu decurso. Tal afirmação é necessária para os crentes num dia quando as potestades que há se opõem à Igreja. Podemos notar que essas palavras são atribuídas a Cristo em Ap 22.13; os expositores mais antigos, às vezes, pensavam que fosse Ele quem fala aqui também, mas é patente que este conceito está errado; são palavras do "Senhor Deus" (ARA). O Todo-Poderoso, título este que João freqüentemente emprega e que os LXX de Os 12.6 e Am 9.5, traduzem "Senhor Deus dos Exércitos".

A aflição e o reino em que João e os seus leitores participam como cristãos são uma experiência e possessão presentes, como também a paciência que Jesus supre. Os três elementos nos são proporcionados por nossa união com Ele, mas o primeiro e o terceiro nos conduzem a uma apropriação mais completa do segundo, na consumação do mesmo. Comparar Jo 16.33; Rm 5.3; 2Tm 2.12. Alude-se à participação de João na aflição, quando se menciona o fato dele estar em Patmos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo (9); estava lá em conseqüência da sua fidelidade ao evangelho, não em exílio voluntário, a fim de receber mais revelações. Cfr. Ap 6.9. O fato que ele diz que "estava" (ou "se achava") em Patmos dará a entender que ele escreveu o livro depois de deixar a ilha?
Eu fui arrebatado em espírito (10) significa que João caiu em estado de êxtase (lit. "achei-me no Espírito", ARA) e deste modo ocasiona a visão que se segue. Ocorreu no dia do Senhor (10), não, como entendem alguns "no dia do Senhor" no sentido escatológico, como se João tivesse sido transportado para viver naquele dia, mas "no dia consagrado ao Senhor", uma frase que se usava já no segundo século referindo-se ao domingo. O termo "o dia do Senhor", como Deissmann tem mostrado, é provavelmente a substituição desafiadora dos cristãos ao "dia do Imperador", que era celebrado ao menos mensalmente na Ásia Menor, se não semanalmente. Indicava originalmente o dia da elevação de Faraó ao trono do Egito, ou seu dia natalício; a idéia foi apropriada pelos imperadores romanos. Como memorial do dia da ressurreição de Cristo, e assim, da sua exaltação à soberania, o título "o dia do Senhor" é especialmente apropriado. A grande voz, como de trombeta (10) foi presumivelmente a do Filho do homem. É difícil não sentir que sete igrejas (11) foram escolhidas por causa da natureza sagrada daquele número. As sete que foram singularizadas, contudo, tiveram uma reivindicação especial para serem recipientes destas cartas, posto que elas se situavam nas estradas que uniam, em via circular, a província da Ásia. Outrossim, segundo Ramsay, estas cidades serviam de centros distribuidores dos sete distritos postais da região e desta forma seriam os melhores pontos para divulgarem as cartas às demais Igrejas na província. Os sete castiçais de ouro (12) (candeeiros, ARA), nos lembram o castiçal de ouro, com seus sete braços, ou hásteas, no santo lugar do tabernáculo e do templo (Êx 25.31; Zc 4.2). Com a destruição do templo, o castiçal foi transportado para um templo pagão em Roma. Naquilo em que os judeus falharam, as igrejas cristãs são chamadas para serem bem sucedidas, dando luz a um mundo em trevas. A frase um semelhante ao Filho do homem (13), ou "um semelhante a filho de homem"

(ARA) recorda Dn 7.13; dá a entender que esta Pessoa não é apenas um homem e lembra indubitavelmente o uso deste título por nosso Senhor. (Não ocorre, porém, nas Epístolas). A descrição que se segue tira livremente de Dn 10.5-6. O significado desta presença no meio dos sete castiçais (13), isto é, das igrejas, mal requer menção. O vestido comprido usado por Cristo (13) pode ser alusão às vestes talares (ARA) do sumo sacerdote; porém, há certa dúvida de que tal associação esteja em mente aqui, pois este vestido era usado também por qualquer pessoa de alta categoria. A descrição dos cabelos brancos é reminiscência estudada de Dn 7.9, onde se descreve o "Ancião de dias". A aplicação a Cristo dos atributos de Deus é fenômeno constante deste livro. Comparar os pés semelhantes a latão reluzente (15) com Dn 2.33-35. Swete pensa que as muitas águas (15) são o bramir do mar Egeu em torno de Patmos.
Um quadro simbólico é dado no vers. 16, que nunca deve ser representado numa tela. As estrelas estão no poder de Cristo, a espada simboliza a sua autoridade e poder judiciais. O sol resplandecendo na sua força, relembraJz 5.31, mas também recorda a transfiguração (Mt 17.2). Para o vers. 17, comparar Dn 10.9; ver também Js 5.14; Is 6.5; Ez 1.28. Eu sou o primeiro e o último (17; também em Ap 2.8 e Ap 22.13) se diz em relação a Jeová, em Is 44.6 e Is 48.12. Seu sentido é o mesmo do vers. 8. A frase O que vivo e fui morto salienta o contraste entre a vida eterna, inerente no Filho, e a morte abjeta que Ele sofreu. Aquela vida triunfou sobre a morte, consequentemente Ele diz: vivo para todo o sempre, este último predicado é atribuído ao pai em Ap 4.9- 10 e Ap 10.6. A posse das chaves da morte e do Hades (18) foi adquirida pela Sua ressurreição e significa a conquista da morte.

Uma divisão rudimentar do de João é fornecida no vers. 19. As coisas que tens visto constituem a visão dada naquele instante; as que são se relacionam ao estado existente nas igrejas e às cartas já preparadas para serem entregues; a frase, as que depois destas hão de acontecer refere-se às subseqüentes visões do livro. Isto não deve ser dado como prova de que tudo, sem exceção, nos caps. 4 a 22 refere-se ao tempo futuro, quando João escreveu e muito menos ao tempo do fim de todas as coisas. As sete estrelas e os sete castiçais da visão são agora interpretadas para João (20). Estes representam as igrejas, enquanto aquelas são mais equívocas. Parece estranho interpretar as sete estrelas como sendo sete "anjos", no sentido comum do termo, nem que sejam anjos da guarda; pois seria supérfluo escrever-lhes por intermédio de João (vers. #Ap 2.1) e, de qualquer forma, o conteúdo das cartas se relaciona inteiramente com as próprias igrejas. Muitos expositores, portanto, mantêm que os anjos representam alguns dos oficiais das Igrejas, quer delegados, quer administradores. Ainda que seja uma interpretação possível, é muito excepcional, na literatura apocalíptica, que os anjos simbolizem homens. Talvez seja preferível entendê-los como personificações da vida celeste, ou sobrenatural, das igrejas vistas em Cristo, de sorte que os anjos exteriorizem o caráter que as igrejas deviam realizar, do mesmo modo como os castiçais representam a vida terrestre das igrejas vista pelos homens.

Comentário de Apocalipse 2

É da opinião de alguns que estas cartas foram escritas antes do corpo principal do livro e foram enviadas separadamente às diferentes igrejas; mais tarde foram ampliadas e compiladas a fim de todas as igrejas tirarem proveito. A teoria não é impossível, porém é duvidosa, pois as cartas estão intimamente relacionadas com o início e o fim do livro; e, se eliminarem as passagens em apreço, o que restar constituirá mensagens bem abrutas. Cada carta se endereça ao "anjo" da igreja e começa com uma descrição de Cristo, tirada da visão introdutória, tendo os pormenores que se mencionam especial relevância à igreja sob consideração. A designação de Cristo na carta aos Laodicenses constitui uma exceção, sendo uma reminiscência da saudação com que o começa. Semelhantemente, cada carta conclui com uma promessa no tocante a galardões a serem distribuídos no segundo advento; de modo geral, estas promessas têm uma especial aptidão para cada igreja individualmente-e é-lhes dada uma encarnação visionária nos capítulos finais do livro.

Éfeso era a maior cidade da Ásia e o centro da administração romana daquela província. Tomou o título de "Guardiã do Templo", originalmente em referência ao famoso templo de Ártemis, posteriormente, porém estende-se aos dois ou três templos devotados ao culto dos imperadores. Paulo fundou aqui a igreja que se tornou o centro para a evangelização do resto da província e aqui residia o apóstolo João. A igreja em Éfeso, consequentemente, deve ter-se tornado a principal do leste, com a possível exceção de Antioquia. Kiddle sugere que esta carta foi

colocada em primeiro lugar, não tanto pela importância da igreja, como pela advertência que lhe foi entregue. (Por semelhante razão, a carta aos Laodicenses foi colocada por último). A designação de Cristo em vers. 1, tanto é um encorajamento como é uma advertência. As sete estrelas estão na sua mão (isto é, Ele mantém a vida espiritual delas), e a sua presença é coextensiva a todas as igrejas. Mas o poder que sustêm é também competente para a remoção judicial; assim o título prepara o ouvinte para o vers. 5. Eu sei (2) declara uma verdade de semelhante importância dupla. A frase encabeça cada uma das sete cartas, ora proporcionando conforto (Ap 2.9; Ap 2.13, etc.), ora envergonhando (Ap 3.1-15). Aqui ela precede uma recomendação. As obras dos efésios são trabalho e paciência (2); aquela se manifesta nos esforços para vencer os falsos mestres (2), esta na resignação paciente frente à oposição, quer dos falsos apóstolos, quer de outras fontes (3). Os maus são aqueles que se chamam profetas e não o são. Comparar predições de Paulo em At 20.29-30; 1Tm 4.1-3. É possível que os principais ofensores sejam os nicolaítas mencionados no vers. 6. A falta dos efésios é talvez a perversão de sua principal virtude; sua oposição aos falsos irmãos os conduzia a repreensão e dissensão dentro da igreja, levando-as assim a deixar o seu primeiro amor. Isto interpretaria o "amor" a que se faz referência como sendo o amor fraternal. Pode, contudo, se referir ao amor a Deus; compare Tg 2.2-5, visto que uma manifestação deste amor é impossível sem a outra, podemos talvez incluir ambas em nosso texto (cfr. Mc 12.30-31 com 1Jo 4.20). Brevemente a ti virei (5) significa que o Senhor "virá" numa visitação de juízo. Ver também Ap 2.16. Um exemplo da sua "vinda" em bênção se acha em Ap 3.20. Tais afirmações de maneira nenhuma entram em choque com a verdade de sua vinda final, fato este que os teólogos não têm sempre reconhecido quando falam da "vinda" de Cristo ao crente e dos seus "adventos" na história, como se o reconhecimento desses aparecimentos secundários de algum modo-invalidassem a verdade do aparecimento supremo. Os nicolaítas eram julgados logo cedo como adeptos de Nicolau de Antioquia, um dos sete (At 6.5). Deduzimos de Ap 2.14-15 que eles mantinham o mesmo erro que os balaamitas, a saber: ensinar a comer coisas sacrificadas aos ídolos e a adulterar. Foram estas as principais matérias condenadas por decreto do concílio apostólico (At 15.29). É notável que os nomes de Balaão e Nicolau são cognatos (Balaão-"Ele tem consumido o povo"; Nicolau - "Ele vence o povo"). Se este ensino foi tão energicamente repelido pelos efésios (vers. 2), concluímos que se espalhava muito. A injunção: Quem tem ouvidos... (7) repete-se em conexão com as promessas ao vencedor em todas as sete cartas. Está freqüentemente nos lábios do nosso Senhor através dos quatro Evangelhos (Mt 13.9-43, etc.).

O Espírito é o Espírito Santo, se bem que o orador seja Cristo. Para semelhante fenômeno comparar Rm 8.9-11 e 2Co 3.17. "Vencedor" retrata o cristão como fiel batalhador de Cristo, "membro da igreja militante, vitorioso, não obstante as circunstâncias" (Swete). Parece haver pouca justificativa em limitar o termo, como quereriam alguns, somente aos mártires, ainda que seja verdade que o vencedor só pode demonstrar sua vitória absoluta sendo fiel até a morte.

Comer da árvore da vida (7) é participar da plenitude da vida eterna; a árvore se encontra "no meio do paraíso de Deus", a Jerusalém celestial, que deverá manifestar-se na terra para o homem redimido (ver Ap 21.10-22.2). As bênçãos da primeira criação, perdidas pelo homem, serão restauradas em escala ainda maior na "regeneração" (Mt 19.28).

Esta cidade era uma das mais prósperas na Ásia Menor e tomou o nome de "Metrópole". Ali os judeus constituam uma colônia excepcionalmente numerosa e próspera; seu antagonismo à igreja cristã, aparece, não somente nesta carta, mas também na de Inácio aos esmirnenses. O título dado a Cristo (8) reaparece em Ap 1.17. Esta igreja, prestes a ser severamente provada, necessitava relembrar que o seu Salvador era o Senhor da história e conquistador da morte (cfr. vers. 10). Contrastar a condição dos cristãos em Esmirna com a riqueza material e a pobreza espiritual dos laodicenses (Ap 3.17). A blasfêmia dos judeus (9) seria dirigida principalmente contra Jesus, mas eram capazes de blasfemar mesmo contra o Deus que eles confessavam. Os cristãos de Esmirna mais tarde relataram como os judeus se aliaram aos pagãos em reivindicarem a morte de Policarpo, Bispo de Esmirna, na base de sua oposição à religião estatal. Desse modo, em vez de constituírem uma assembleia de Deus, eles haviam-se tornado a sinagoga de Satanás (9; ver também Ap 3.9). Uma vez que se nega que os judeus tivessem o direito de manter o seu nome nacional, torna-se evidente que os cristãos se consideram os legítimos herdeiros de Abraão, como em Rm 2.28.

As coisas que esses crentes brevemente têm de sofrer podem ter relação com a oposição dos judeus. Tal aflição terá a duração de dez dias (10), isto é; um período abreviado. Às vezes acredita-se ser idêntico à "grande tribulação" de Ap 7.14, mas parece mais provável ser alusão a uma perseguição local. O diabo ("caluniador") será então o agente utilizado para provar os cristãos; tal provação por meio de perseguição se distingue da que se menciona em Ap 3.10, onde lemos da hora da tentação que deverá vir sobre o mundo inteiro, pois desta última os cristãos serão preservados (cfr. Ap 7.2-12.6) . A coroa da vida (10) alude-se à grinalda conferida ao vencedor nos jogos, "a coroa que consiste de vida". Swete lembra que a coroa não é diadema, mas o emblema de festividade, nesse caso a grinalda é um apto símbolo de vida, pois esta última tem que ser compreendida à luz das descrições finais do livro, uma vida de sagrado privilégio, gozo e de galardões destinguidos (1Co 9.25-27). A segunda morte (11). Em Ap 21.8

define-se como "o lago que arde com fogo e enxofre". É uma frase rabínica; comparar o muito citado Targum de Jerusalém sobre Dt 33.6, "Que viva Rúben nesta época e não morra a segunda morte de que morrem os injustos no mundo vindouro". Charles aptamente compara I Enoque 99.11, "Ai de vós que propagas o mal para o vosso próximo, pois perecereis em seol", conceito este que não implicava em aniquilamento, como torna claro I Enoque 109.3.

Pérgamo era descrita por Aretas como "dada à idolatria mais do que toda a Ásia". Atrás da cidade situava-se uma colina, mais de 300 metros de altitude, coberta de templos pagãos. Entre eles o mais destacado de todos era o grande altar de Zeus, colocado sobre uma plataforma, esculpido na rocha, dominando a cidade. O culto ao imperador foi estabelecido ali primeiro que em Éfeso ou Esmirna, de sorte que posteriormente, Pérgamo se tornou o reconhecido centro do culto na Ásia. Daí dizia-se desta igreja, que habitava onde está o trono de Satanás (13). Este fator explicava a causa das dificuldades peculiares dos cristãos de Pérgamo.

O título no vers. 12 tem eco em Ap 1.16 e antecipa Ap 2.16. A minha fé (13) abrevia "fé em mim". A informação dada sobre o ensino de Balaão é tirada dos dois trechos, Nm 25.1-2 e Nm 31.16. O cristão que correspondia a Balaão provavelmente desprezava a carne, e deste modo descontava a importância da pureza física, justificando suas ações talvez, pela perversão do ensino de Paulo (repudiado por este em Rm 3.8 e Rm 6.1). "Permaneçamos no pecado, para que abunde a graça". O sentido de vers. 15 é ou, "Vós também tendes entre vós os nicolaítas, que vos ensinam assim como Balaão ensinava a Israel", ou "Vós também, como os efésios (6), tendes convosco os nicolaítas", sendo implícita a comparação com Balaão. Parece preferível aquele sentido. O vers. 16 apresenta a "vinda preliminar" de Cristo para o juízo se os pergamenses não se arrependerem. Ver 2.5 n. A promessa ao vencedor (17) alude à corrente expectação judaica de que desceria novamente do céu o maná quando se manifestasse o Messias. Ver II Baruque 29.8. Aqui o maná tipifica a vida espiritual, assim como "água da vida" e "fruto da árvore da vida" (Ap 22.17-19). A promessa é especialmente apta para os que eram tentados a participar de festividades em que se comiam alimentos sacrificados aos ídolos. Abstendo-se dessas iguarias, os cristãos podiam antecipar um banquete mais farto no reino de Deus.

A pedra branca (17) é de difícil interpretação devido aos diversos fins para os quais seixos foram empregados pelo mundo da antigüidade, cada um dos quais dava um excelente sentido simbólico. Assim uma pedra branca entregue por um júri significava ao réu sua absolvição, uma preta, culpabilidade. O seixo do vencedor outorgava-lhe ingresso a todas as festividades públicas. O tessern hospitalis estava em duas partes, inscritas com dois nomes cujos donos trocaram partes de maneira que cada pessoa tinha um convite aberto para a casa da outra. O Sumo Sacerdote levava doze pedras no seu peitoril inscritas com os nomes das doze tribos de Israel. Isto de modo nenhum exaure todas as possíveis interpretações. A nossa interpretação será em parte condicionada na nossa compreensão do novo nome escrito na pedra. Se o nome é de Cristo ou de Deus (cfr. Ap 3.12 e Ap 19.12), então pode haver uma alusão ao conceito do poder inerente ao nome de Deus; o cristão participa do poder de Deus e apropria para si de um modo que nenhum outro o pode fazer. Se o nome é um novo nome conferido ao crente, então a alusão é ao hábito de conferir novos nomes às pessoas que atingiram um novo estado, como Abrão e Jacó se tornaram Abraão e Israel; a pedra branca então significa o direito do vencedor de entrar no reino de Deus em um caráter todo próprio, moldado nele pela graça de Deus.
Tiatira era a menor das sete cidades. Não tinha nenhum templo devotado ao culto dos imperadores, de sorte que os cristãos não eram tão perturbados por aquele culto como as igrejas precedentes. O problema desta igreja centralizava-se nas situações comprometedoras criadas pelos interesses comerciais. Tiatira era uma cidade industrial, célebre pelos seus muitos grêmios comerciais. Era tão necessário unir-se a essas sociedades como é para o artesão hodierno, ser membro do seu determinado sindicato comercial; de outra forma, envolvia um ostracismo que tornaria quase impossível seu negócio. A dificuldade no caminho do cristão que se unia a tais grêmios era a necessidade de participar das periódicas refeições comuns quando se comia carne que fora dedicada à deidade pagã (talvez o padroeiro do seu grêmio). Pode-se entender que certos cristãos liberais não hesitariam em participar de tais festividades, alegando que "um ídolo não é nada" (1Co 8.4). Logo, a desculpa podia achar-se pela licenciosidade em que muitas vezes estas refeições culminavam; e o próximo passo seria participar da devassidão geral. Isto era geralmente aconselhado pelos nicolaítas, e pode-se entender como isto encontrava fácil aceitação em Tiatira, onde a frase "negócio é negócio" seria bem aceita. O título provém de Ap 1.14-15, Filho de Deus (18) sendo talvez sugerido por Sl 2.7, uma vez que este salmo posteriormente é muito citado. Note-se que os olhos como chama de fogo antecipam o vers. 23, e os pés reluzentes, o vers. 27. Charles alega que as tuas obras (19) são definidas pelas qualidades que se seguem, "o teu amor, o teu serviço, a tua fé e a tua paciência" se esta interpretação é correta, é importante no esclarecimento do que o escritor quer significar com a expressão "julgado segundo as obras" (Ap 20.12-14). A profetiza que propaga o ensino dos nicolaítas é simbolicamente chamada Jezabel, pois a rainha daquele nome tentou estabelecer um culto idólatra em lugar do culto a Jeová e ela mesma foi acusada de prostituição e feitiçaria (2Rs 9.22). Note-se a inserção curiosa em alguns manuscritos de "tua mulher Jezabel" que implica ser o "anjo" da igreja, o seu administrador. No vers. 21 deduzimos que "Jezabel" anteriormente tinha sido advertida, sem resultado, ou por João ou por algum outro líder cristão. A "cama" em que Jezabel seria prostrada

corresponde à grande tribulação (22), de sorte que é uma cama de sofrimento que está em mente aqui. O idiotismo é hebraico e ocorre em 1Mac 1.5 e Judite 8.3. É possível que aqueles que com ela adulteram (22) devem ser distintos dos seus filhos (23), no sentido que aqueles foram suficientemente influenciados por Jezabel, a ponto de comprometerem a sua lealdade cristã, enquanto estes abraçaram inteiramente a sua doutrina; aqueles deveriam ser castigados, estes exterminados. Por tais juízos as igrejas reconhecerão que Cristo sonda os rins e os corações (23). No uso hebraico, os rins são a sede das emoções, enquanto o coração é a sede do intelecto. As profundezas de Satanás (24) podem ser uma alusão satírica à pretensão gnóstica de conhecer exclusivamente as profundezas de Deus. Tal sabedoria não é divina, mas satanicamente inspirada. De outra forma, reflete o ensino nicolaíta que o cristão deve participar afoitamente dos excessos do paganismo e demonstrar que é imunizado de sua poluição. Os cristãos que assim procederam gabaram-se do seu conhecimento das profundezas de Satanás e, assim, desdenharam os seus irmãos mais escrupulosos. Para outra carga comparar At 15.28-29; os dois preceitos principais do concílio apostólico foram abstenção de coisas sacrificadas aos ídolos e ao adultério. O vencedor aqui se define como o que guardar até ao fim as minhas obras (26). Ele deverá receber uma delegação da autoridade de Cristo sobre as nações (26) e participar do seu triunfo sobre os povos rebeldes (27); esta função faz parte daquela autoridade e antecipa a vinda de Cristo para o juízo (Ap 19.11) e não o reino milenário, propriamente dito (Ap 20.4-6). O verbo traduzido "regerá" no vers. 27 deve ser "destruirá". A estrela da manhã (28) parece ser o próprio Cristo (como em Ap 22.16); maior do que o privilégio de reinar por Cristo será o irrestrito gozo de plena comunhão com Ele.

Comentário de Apocalipse 3

Sardes era uma cidade de glória delustrada. Outrora tinha sido a capital do antigo reino da Lídia, mas entrou em ocaso, depois da conquista persa, até que Tibério a reconstruiu depois de um terremoto. A cidade era célebre por duas coisas: a sua indústria de tintura e lã, e a libertinagem. A igreja em Sardes parece refletir a história da cidade. Houve tempos quando tinha um nome para progresso espiritual, mas agora era sem vida (1); a libertinagem caracterizava tanto os cristãos como os pagãos, de sorte que ali havia poucas pessoas que não tinham contaminado os seus vestidos (4), isto é, manchado a sua profissão cristã. Consequentemente, ela foi censurada com uma severidade igualada somente na carta aos laodicenses. O título reflete Ap 1.4 e Ap 1.16. Cristo se apresenta como o possuidor dos sete espíritos, possivelmente para representar o Seu perfeito conhecimento dos feitos da igreja (veja vers. 6), se bem que isto possa sugerir os dons espirituais que ele deseja conferir-lhe em contraste ao estado desanimado da igreja. Para as sete estrelas (1) ver Ap 1.4; Ap 1.20. Note-se que embora alguns cristãos permaneçam fiéis ao seu Senhor (4), a igreja como tal é caracterizada como morta; por estarem nesta condição todos são tidos como responsáveis. Com a primeira parte do vers. 2, comparar Mt 24.42; com a segunda parte, comparar Dn 5.27. Os tempos dos verbos no vers. 3 são descomunalmente variados: "Lembra-te (presente), pois, do que tens recebido (perfeito) e ouvido (aoristo); e guarda-o (presente), e arrepende-te (aoristo). E, se não vigiares (3) relembra Mt 24.43-44 e se refere ao Advento final. Alguns estudiosos consideram que Ap 16.15 tem sido deslocado e deve ser inserido logo antes desta afirmação. É fato que a situação de Ap 16.15 no contexto atual é curiosa e fica melhor aqui, mas a deslocação do texto não passa de ser pura conjetura. O seu nome (5). Segundo certo uso da época o nome era sinônimo de "pessoa". É de supor que os cristãos contaminavam os seus vestidos acomodando-se aos costumes pagãos dos seus próximos. Aquele que mantinha o seu caráter e testemunho imaculados haveria de acompanhar a Cristo num vestuário de glória. Andarão comigo (5); Swete compara o convívio dos doze com Ele, nos dias do seu ministério terrestre. O vencedor recebe a dupla promessa deste privilégio. A literatura apocalíptica, contemporânea considerava o corpo da ressurreição como um vestuário de glória. A ideia é usada por Paulo (ver 2Co 5.4), e se revela neste livro também (ver Ap 4.4). Porém Ap 7.13-14 e Ap 19.8 parecem salientar a pureza moral no uso deste símbolo, enquanto que, segundo Swete, o uso de branco às vezes denota festividade (Ec 9.8) e vitória (2Mac 11.8). Parece que várias idéias se associam com este quadro; é bom aceitar e ao mesmo tempo reconhecer que o elemento ético predomina. O riscar do livro da vida (5) recorda Êx 32.32, onde o livro mencionado é um registro dos cidadãos do reino teocrático, aqui trata-se do registro de reino eterno, como em Dn 12.1 e muitas passagens neotestamentárias (ver por exemplo, Lc 10.20; Fp 4.3; Hb 12.23). Ver Ap 20.12,15, onde isto se explica. Para a

confissão do vencedor, comparar Mt 10.32.

Devido a freqüentes terremotos, a população de Filadélfia era pequena. A igreja parece ter sido numericamente fraca (ver vers. 8, "tendo pouca força"). Não há nenhuma alusão à perseguição das autoridades pagãs nem a heresias dentro da igreja; como em Esmirna, os judeus criavam um problema (9). Em contraste notável à carta que precede e à que se lhe segue, não há repreensão nem advertência do Senhor para esta igreja, mas apenas encômio e exortação. Os predicados santo e verdadeiro (7), aplicados aqui a Cristo, são usados em Ap 6.10 em referência a Deus, assim dando uma das muitas indicações neste livro de que os atributos de Deus são compartilhados por Cristo. Jesus é verdadeiro no sentido de "fiel a sua palavra". Isto se diz em conexão com a sua posse da chave de Davi (7), uma frase que recorda Ap 1.18, mas que, na realidade, cita Is 22.22; reivindica para Cristo o direito de ingressar ou fechar ao homem a cidade de Davi, a nova Jerusalém, o reino messiânico. A relevância deste poder se manifesta no trecho entre parênteses, vers. 8-9.

Os judeus de Filadélfia não eram mais dignos do nome do que os seus compatriotas em Esmirna e, como estes, são designados a sinagoga de Satanás (9). Este versículo declara que um dia, presumivelmente ao estabelecer-se o reino messiânico, eles serão obrigados a reconhecer que estes cristãos desprezados são na realidade os companheiros do Filho do Homem, os herdeiros do reino de Deus. É claro que os judeus ainda negavam esta última reivindicação. "Vós cristãos", diziam eles, "sois excluídos do reino; é para nós, os judeus". "Assim não", declara o Senhor; "Eu sou fiel à minha promessa. Só eu tenho a chave do reino. Tenho posto diante do meu povo, uma porta aberta que ninguém pode fechar. Eles entrarão no reino, e a homenagem que vós, judeus, esperais receber dos gentios (Is 60.14), vós tereis que prestar a eles". Esta interpretação coaduna afirmações aparentemente sem nexo e concorda com a promessa do vers. 12. A fidelidade desta fraca comunidade cristã (8) receberá a sua devida compensação. A hora da tentação ("provação"), de que o Senhor guardará estes cristãos, não se refere ao prazo em que os juízos de Deus cairão sobre a terra, mas às próprias tribulações. Cfr. Mc 14.35, onde a "hora" representa os horrores da cruz e as circunstâncias concomitantes. A tribulação mencionada aqui se aplica àqueles que habitam na terra (10), a frase técnica neste livro para os descrentes do mundo (cfr. Ap 11.10). Para uma representação pictórica desta promessa ver Ap 7.1-4.

O vencedor será na nova era uma coluna no templo (12); Ap 21.22 torna claro que não haverá outro templo na Jerusalém celeste senão Deus e o cordeiro. Esta promessa assegura nossa indissolúvel união com Deus para todo sempre. Escreverei sobre ele o nome do meu Deus (12). Caso esta frase se usar com a mesma metáfora a inscrição seria na coluna e não na testa do vencedor. I Macabeus 19.26-48, relata como os feitos de Simão Macabeus foram inscritos sobre tábuas de bronze; estas foram fixadas "sobre colunas no monte de Sião", "dentro do recinto do santuário, num lugar conspícuo". Destarte foram conservados permanentemente os anais das façanhas de Simão. O motivo de orgulho do vencedor, contudo, não deverá ser nos seus feitos, mas antes no fato de que ele leva o nome do seu Deus, e da cidade de Deus, e o novo nome de Cristo; isto é; ele pertence a Deus e a Cristo revelado em glória (Ap 19.12); é cidadão da nova Jerusalém, o eterno reino de Deus (Ap 21.2).

Laodicéia era situada à margem dum rio e ficava no entroncamento de três estradas que atravessavam a Ásia Menor. De modo natural, ela se tornou um grande centro comercial e administrativo. Três fatos que se conhecem acerca da cidade, lançam luz sobre esta carta: era um centro bancário de fabulosas reservas financeiras; as indústrias principais eram de tecidos e tapetes de lã; possuía também uma faculdade de medicina. A igreja não era acusada de imoralidade, nem de idolatria, nem tão pouco de franca apostasia (perseguição era desconhecida em Laodicéia). A terrível condenação que se pronunciava sobre ela era devido ao orgulho e auto-satisfação do elemento pagão dentro da igreja de sorte que sua comunhão com Cristo se enfraqueceu tragicamente. A severa descrição da sua condição espiritual (17) e a admoestação ao arrependimento (18), são apresentados em termos das três ocupações da cidade. Na qualidade de o Amém (14) Jesus é a encarnação da verdade e fidelidade de Deus (ver Is 65.16); o uso cristão do Amém acrescenta a ideia de que Ele é também cumpridor fiel dos propósitos declarados de Deus. Nesta designação achamos um contraste singular com a infidelidade dos laodicenses. Semelhantemente o título o princípio da criação de Deus (14) exalta a Cristo como Criador acima das pequeninas criaturas orgulhosas que se gabam da sua auto-suficiência. No vers. 16, se encontra uma censura sem igual no Novo Testamento, como

expressão do aborrecimento de Cristo. A referência prende-se ao último juízo (cfr. Lc 13.25-28). Os vers. 17 e 18 formulam uma só afirmação: Pois dizes: ... Aconselho-te que compres... A pretensão dos laodicenses não é apenas que eles de nada carecem, mas que a sua riqueza, tanto moral como material se deve completamente aos seus próprios esforços. Revela-se a sua verdadeira condição de pobreza, apesar de possuir dinheiro; de nudez, a despeito da sua abundância de vestidos; de cegueira, embora haja nela muitos médicos. Esta igreja, portanto é a única de todas as sete, a ser chamada de miserável. O seu recurso é "comprar" (cfr. Is 55.1) de Cristo o ouro fino de um espírito regenerado, de pureza de coração, que possa levá-la à glória da ressurreição (Ap 7.13-14) e da graça pela qual possa apropriar as realidades espirituais (cfr. 1Co 3 e 2Co 4). A condição repugnante dos laodicenses não extinguiu o amor de Cristo para com eles; a escorchante censura não é senão a expressão do seu profundo afeto que os possa levar ao arrependimento. O gracioso convite que se segue dirige-se, não à igreja coletivamente (que exigiria "se ouvirdes" a minha voz, mas a cada membro individualmente. Cristo deseja participar com eles mesmo nas atividades mais comuns da vida. Coincidente com o alto privilégio que se oferece a estes cristãos quase apóstatas é a promessa que transcende às que foram aplicadas às outras igrejas. Assim como o crente pede a Cristo que compartilhe consigo tudo quanto tem vida transitória, de igual modo, o Senhor o convida, se ele permanecer até o fim, a compartilhar o trono dos séculos vindouros dado pelo Pai. O cumprimento da promessa do reino milenar é descrito em Ap 20.4-6, e do reino eterno da nova Jerusalém em Ap 22.5.

Comentário de Apocalipse 4

A cena da visão de João muda da terra para o céu, até o capítulo 10. Dali em diante o palco muda frequentemente. Nota-se que, enquanto a descrição do trono de Deus, cap. 4, não contém nenhuma referência a Cristo, no capítulo seguinte, Ele domina o quadro como o Cordeiro imolado de Deus. A respeito disto escreve Kiddle, "No cap. 4 a tese é a do Cristo Criador onipotente que reina em majestade num remoto céu, onde o homem é excluído. João descreve a Deus e o céu nos termos da velha dispensação. No cap. 5, muda-se o ponto focal do vidente, e com força dramática incomparável, ele pinta a sua visão do Redentor, em que residem todas as esperanças da salvação do homem, todas as esperanças dum futuro reino de justiça" (Com. Moff., pág. 67).

A primeira voz que ouvi (1) é a de Cristo. Da mesma maneira em que o Senhor revelou a real condição de suas igrejas e a sua posição em relação a elas, assim agora Ele abre o céu à vista de João, e a Sua posição em relação a ela. Aquela foi a revelação das "coisas que são"; esta desvela, o que deve acontecer depois destas coisas (1; cfr. Ap 1.19).

O fato que João viu uma porta aberta no céu dá a entender que já estava em estado de êxtase; por conseguinte, a afirmação, imediatamente eu me achei no espírito (2), bem pode indicar um grau mais alto ainda de exaltação espiritual. O primeiro objeto que prendeu a atenção de João foi um trono (2). Este fato importante sugere que a primeira coisa a saber acerca do Céu é que Deus, que ali habita, exerce absoluta autoridade sobre o universo. O profeta não descreve a Deus; fala simplesmente de várias cores, tais como emanam somente de pedras preciosas, visíveis à luz duma nuvem policroma (3). Há dúvida quanto às pedras enumeradas por João, mas o tipo de pedra jaspe mais estimado era verde, e o sardônio vermelho. A palavra traduzida esmeralda se refere provavelmente ao quartzo vítreo incolor que, em forma de prisma, decompõe a luz em expectro. A grande finalidade do arco-íris é de ocultar a forma de Deus; contudo, é significativo que um arco-íris e não uma nuvem ordinária, desempenha este serviço, pois o arco-íris é sinal perpétuo da aliança de Deus pela qual Ele retém do homem na terra, sua ira (Gn 9.13); o memorial da aliança no céu é, por conseguinte, nada menos do que a glória de Deus, que o oculta da vista dos anjos. Os vinte e quatro anciãos (4), ainda que subordinados às quatro criaturas viventes (Seres viventes, ARA), são mencionados primeiro, talvez com o propósito de não interromper a descrição de suas atividades. Julgando pela descrição dos anciãos, dada nas visões subsequentes, é claro que são seres angélicos, contudo não é impossível pensar deles como sendo os representantes celestiais do povo de Deus no duplo aspecto de sacerdotes e reis, e, neste caso, o número de vinte e quatro, que relembra as doze tribos e os doze apóstolos, simboliza adequadamente o povo messiânico de duas dispensações, como a Igreja sempre se agrada em reconhecer.

Este conceito, contudo, deve ser distinto do que reconhece os anciãos como um símbolo do povo de Deus removido da terra e presente no céu. Para os sete espíritos de Deus (5), ver vers. 6. Não é dito que o mar de vidro (6) é um mar literal, mas que parece como tal "um como que mar de vidro". É a adaptação do conceito das águas acima do firmamento (Gn 1.7; ver Enoque 3.3), mas aqui se introduz para realçar o quanto é remota a majestade de Deus. Quatro animais ("Quatro seres viventes") ficam ao redor do trono (6).

A sua descrição deduz-se dos querubins da visão de Ezequiel (Ez 1), porém consideravelmente modificada (7). As diferenças principais são que cada um dos querubins em Ezequiel tem quatro rostos, aqui eles só têm um. Aqueles possuem rodas cujas cambas eram "cheias de olhos ao redor", aqui os próprios seres viventes possuem os olhos. O

culto contínuo a Deus rendido por eles pode muito bem representar a sujeição a Deus de toda a natureza. Os próprios judeus interpretavam desta maneira a visão de Ezequiel, considerando o homem como principal representante das criaturas, a águia, das aves, o leão, das bestas feras, e o boi, do gado, ou da criação. A simbolização antiga dos quatro ventos e das quatro principais constelações do zodíaco por estas quatro figuras, se conhecida por João, não serviria senão para fortalecer este conceito. O cântico dos querubins sugere que a certeza do futuro triunfo de Deus tem suas raízes na própria natureza de Deus; o Senhor, que é santo e onipotente, há de vir (8). A ação de graças dos seres viventes (9) inspirando a renúncia pelos vinte e quatro anciãos de suas coroas (10-11), não é o culto contínuo de vers. 8, porém adoração prestada em crises especiais. Ver, por ex., vers. 8 e 14; Ap 11.15-18; Ap 19.4. Os anciãos reconhecem que um só é digno de ter a preeminência na criação, e Ele é o criador (11). Ele quis a existência de todas as coisas. Ele tem o direito de lidar com elas em soberana liberdade. Toda a criação deverá reconhecer a sua sujeição a Ele e atribuir ao seu nome a glória e a honra e o poder.

Comentário de Apocalipse 5

O vidente continua a descrever o que ele via: concernente ao livro selado com sete selos (vers. 1), escreve Zahn, "A própria palavra *biblion* permite várias interpretações, porém, para os leitores de então, foi designado além da possibilidade de erro pelos sete selos da parte de fora. Da mesma maneira como na Alemanha, antes da introdução de ordens de dinheiro, todo o mundo sabia que continha dinheiro a carta que era selada com cinco selos, assim o membro mais simples das igrejas asiáticas sabia que um *biblion* segurado com sete selos era um testamento. Quando um testador morria, era trazido o testemunho e, quando possível, aberto na presença das sete testemunhas que o selaram; isto é, era desselado, lido em voz alta e executado... O documento com sete selos é o símbolo da promessa de um futuro reino. A disposição há muito tempo ocorreu e era documentada e selada, porém ainda não era executada... Quanto à abertura dos selos, o ponto de comparação não é tanto que ninguém sabia do conteúdo da vontade de Deus, como ele ainda aguardava a concretização. Ninguém é autorizado a abrir o testemunho senão o Cordeiro; o Cristo que há, de voltar abrirá o testemunho de Deus e executá-lo-á" (*Introduction to the New Testament*, Vol. III, págs. 393 e segs.). O anjo precisa ser forte (2), desde que a sua voz tem que ser ouvida através do céu, da terra e da esfera dos mortos (3). Debaixo da terra significa Hades (cfr. Ef 4.9; Fp 2.10). O Leão da tribo de Judá (Gn 49.9), a raiz de Davi (Is 11.1-10), ganhou a vitória para todo o tempo, em virtude da sua morte e ressurreição, a fim de abrir o livro e desatar os seus sete selos (5). A redenção feita por Cristo tinha em vista o estabelecimento em poder do reino de Deus. A descrição do Cordeiro (6) combina dois usos mui diferentes desta figura no pensamento hebraico. Ele estava como havia sido morto e assim nos lembra do cordeiro imolado de Is 53.7; Jesus é o Servo; sofrendo em inocência por causa dos homens. Por outro lado, o cordeiro tem sete pontas; uma ponta no Velho Testamento simboliza poder (Sl 75.4-7) e dignidade real (Zc 1.18); Jesus tem poder real em medida completa (O significado de sete); pela sua vitória Ele cumpre a esperança do Judaísmo que um Cordeiro-Guerreiro se erguesse e redimisse a Israel dos seus inimigos (ver Tes. Simeão 19.8). A natureza da vitória redentora de Cristo, contudo, era muito diferente das expectações correntes dos judeus. Observa-se que o Cordeiro uma só vez imolado possui os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra (6). Cfr. Jo 16.7 e segs. No Velho Testamento os sete olhos (significando onisciência) pertencem a Jeová (Cfr. Zc 4.10). Ainda que os quatro seres viventes se prostrem em adoração com os vinte e quatro anciãos, parece que somente estes têm as harpas e salva de ouro cheias de incenso (8). A natureza angélica dos anciãos é confirmada pela descrição do seu oferecimento das orações dos santos; no Judaísmo esta tarefa é feita pelos arcanjos (ver Tobias 12.15; Test. Levi 3.7). Os seres viventes e os anciãos cantam um novo cântico (9), porque Cristo abriu uma nova era pela sua obra redentora e dentro em breve consumará a sua vitória no reino triunfante de Deus, Cfr. Is 42.9-10, que fala do novo cântico num contexto semelhante. A redenção é vista como uma compra, ao preço da vida de Cristo, uma redenção do poder escravizador e hostil do pecado. Não devemos insistir na figura a ponto de responder, ou mesmo postular, a pergunta, "A quem foi pago o preço?". Não era para se fazer nunca aquela pergunta. Note-se nos vers. 9 e 10, "... compraste para Deus homens... e os fizeste reis e sacerdotes...". Ser "um reino e sacerdotes" era a vocação de Israel (Êx 19.6), um privilégio dado também à Igreja (1Pe 2.9). Uma versão segue a mais difícil, e por conseguinte a mais provável, interpretação da segunda parte de vers. 10, "eles reinam (não reinarão) sobre a terra". Possivelmente isto sugira a noção que cristãos, não dignidades imperiais, são os verdadeiros soberanos da terra até mesmo nesta dispensação. Mais provavelmente seja uma referência proléptica ao reino milenário dos santos (ver Ap 20.4-6), e nesse caso errôneo é considerar o milênio como o reino de somente os mártires ressurretos, pois esta referência abrange a Igreja toda. As multidões angélicas agora levantam suas vozes no cântico de louvor ao Cordeiro (11-14; cfr. Dn 7.10). A doxologia se refere ao poder e às bênçãos recebidas por Cristo no início do seu reino messiânico (ver Ap 11.17). Toda a criação no céu, na terra, no mar e no hades (13) unem suas vozes à hoste de anjos e arcanjos. Eles cantam o louvor, não somente do Cordeiro, nem de Deus somente, mas de Deus e do Cordeiro conjuntamente. A posição exaltada de Cristo em relação a Deus e ao universo não podia ser mais claramente defendida.

Comentário de Apocalipse 6

Muitos elementos complexos confluem para formar o panorama que o profeta agora descreve. A divisão de sete dos ais messiânicos podem ultimamente remontar à profecia de condenação de Lv 26 onde quatro vezes se afirma "Eu prosseguirei em castigar-vos sete vezes mais por causa dos vossos pecados" (vers. 18,21,24,28). Se isso for assim, a adequação do testamento com os seus sete selos, para representar estes juízos, é um fator secundário, e não a causa da sétupla divisão. Outrossim, Charles tem ressaltado que o discurso escatológico do nosso Senhor contém os sete juízos enumerados por João; no Evangelho de (ver cap. 21) eles se encontram na mesma ordem, exceto que João coloca em último lugar os terremotos, devido à sua descrição coerente dos terremotos como o precursor imediato da consumação; ver Ap 8.5; Ap 11.13; Ap 16.18. Deste modo, com respeito ao conteúdo dos selos, o profeta tem seguido aparentemente o discurso de nosso Senhor; mas, para a forma da abertura dos primeiros quatro juízos, ele tem usado uma visão de Zacarias (a visão dos quatro carros e cavalos, que vão aos quatro cantos da terra, Zc 6), adaptando o simbolismo para servir o seu propósito.

As palavras Vem, e vê (1) interpretam a chamada dos seres viventes como dirigida ao vidente. Mas as palavras "e vê" são um acréscimo posterior; a ordem é dirigida ao que está montado, que aparece ao abrir-se o selo. O mesmo se diz de vers. 3,5,7. Muitos intérpretes consideram o cavaleiro vencedor como sendo o Cristo, e comparam a visão ao Senhor que volta em Ap 19.11. Deve ser admitido, contudo, que a única coisa em comum nos dois retratos é o cavalo branco, que é um símbolo de vitória. Outros mantêm que o cavaleiro representa o triunfo do evangelho, e citam Mc 13.10. Esta última sugestão é mais viável, mas, em vista da semelhança dos quatro cavaleiros, parece mais natural interpretar todos como retratando os últimos juízos. Este cavaleiro significa invasão, ou guerra de modo geral.

O conflito criado pelo cavaleiro no cavalo vermelho (4) parece denotar tanto guerra civil como internacional. A repetição, desta maneira, do primeiro ai é a causa de alguns alegarem que o primeiro cavaleiro representa um específico império vitorioso (especialmente o parto), enquanto o segundo tem uma referência geral. Isto é possível, mas deve ser notado que ocorre a mesma repetição em cada relatório do discurso escatológico (Mt 24.6-7; Mc 13.7-5; Lc 21.9-10).

O cavaleiro no cavalo preto denota fome. A balança em suas mãos sugere escassez de alimento. Os preços citados são proibitivos. O dinheiro (gr. *denarion*) era o salário de um dia de um operário (Mt 20.3); uma medida de trigo (gr. *choinix*, cerca de um litro) seria o suficiente para a ração diária de um homem, porém não para a sua família. Trigo, portanto, seria inadquirível pelo pobre. Três medidas de cevada renderiam mais, mas, assim mesmo, ainda permaneceria uma subsistência esparsa com a possibilidade de fome em alguns casos. Por outro lado, não danifiques o azeite e o vinho pressupõe amplo abastecimento dos gêneros menos procurados. Poucos anos antes de escrever-se este livro (92 A. D.), uma falta aguda de cereais, junto com uma abundância de vinho no Império, levou Domiciano a decretar a restrição da vinicultura e o incremento da produção de cereais; o decreto criou um tal furor, que teve que ser abandonado. O texto pode ter em mente uma igual situação.

Hades seguia-se, acompanhado da morte, uma lembrança que nem a morte física daria repouso aos pecadores; o mundo ínfero e o juízo os aguardavam. Para as quatro pragas-espada, e fome, e peste (traduzida "morte" nos LXX), e feras da terra-ver Ez 14.12-21.

As almas dos mártires dizia-se estarem debaixo do altar (9), porque elas tinham sido "sacrificadas"; cfr. Fp 2.17, 2Tm 4.6 Esta posição era de honra, não humilhação. Charles cita Akiba como dizendo, "Quem estivesse enterrado na terra de Israel era o mesmo que estivesse enterrado debaixo do altar, e quem estivesse enterrado debaixo do altar era o mesmo que houvesse sido enterrado debaixo do trono da glória" (Aboth R. M. 26). Os mártires foram mortos por amor da palavra de Deus, e por amor do testemunho (dado por Jesus; ver Ap 12.17) que deram (9). O testemunho era o que eles haviam recebido, não dado. As vestes brancas dadas aos mártires (11) significam uma garantia da gloriosa imortalidade a ser concedida na primeira ressurreição (Ap 20.4-6), com talvez uma sugestão que já era deles a vitória. Observa-se que este incidente forma parte integrante dos últimos juízos na terra, pois está satisfeita a oração por vingança (10) e, por conseguinte, apressado o fim; ver Ap 8.1-5. Para a ideia que a vinda do dia de Deus aguarda o último mártir, comparar 2Ed 4.33-36.

A descrição dos efeitos do sexto selo origina-se de numerosas Escrituras, inclusive os Evangelhos. O pensamento subjacente destas perturbações cósmicas é a impossibilidade que continuasse a vida sob tais circunstâncias; o fim está próximo, é vindo o grande dia da sua ira (17). Para o terremoto como um sinal do fim, cfr. Ez 39.19; para o sol e a lua, Jl 2.31; para a queda das estrelas e o retirar-se do céu, Is 34.4; para o esconder-se nas rochas, Is 2.10; para a petição aos montes, Os 10.8; para o grande e insuportável dia da ira, Jl 2.11. Estes sinais da consumação nos escritos escatológicos são por demais regulares para considerá-los figurativos. Contudo, que eles não devem ser considerados demasiadamente literais, parece evidente do quadro do céu que foge ante o trono celeste, no desfecho

da era milenária (Ap 20.11), e o implorar pelos homens que as montanhas, que já se moveram do seu lugar, caíssem sobre eles. Note-se aqui a sétupla classificação dos homens (15). A ira do Cordeiro revela o caráter de Cristo sugerido no fato de Ele possuir sete pontas (vers. 6), isto é, poder completo para estabelecer justiça e executar juízo (cfr. Ap 6.10).

Comentário de Apocalipse 7

Um interlúdio no progresso das visões é dado em cap. 7. Ele explica a posição dos cristãos durante a execução dos juízos que têm sido descritos. Primeiramente, uma olhada em retrospecto é dada, para mostrar como a Igreja está guardada dos males experimentados pelo mundo sem Deus, então uma olhada adiante habilita o vidente a relatar o cumprimento do ato divino da proteção; ele vê o povo de Deus triunfante no desfecho da grande tribulação, vestido em esplendor e atribuindo à graça de Deus e ao Cordeiro a sua salvação (11). Parece haver pouca dúvida de que as duas companhias aqui vistas sejam essencialmente a mesma. Os cento e quarenta e quatro mil de cada tribo dos filhos de Israel (Ap 7.4) simbolizam a Igreja toda no fim dos tempos; isto é deduzido de Ap 7.3, pois os servos do nosso Deus na dispensação cristã só podem ser a Igreja. Outrossim, desde que as tribulações dos últimos dias são universais, toda a companhia do povo de Deus carece de sua proteção, não simplesmente uma seção dele (os judeus).

Depois destas coisas (1) marca uma nova divisão; não é uma nota de tempo em relação aos eventos da prévia visão, mas introduz uma nova compreensão de verdade pelo profeta. Pelo propósito desta visão, a terra é considerada como retangular, um anjo em pé a cada canto governando o vento destrutivo que sopra da sua direção. Nenhuma outra descrição é dada para relatar o que acontece quando os quatro anjos soltam os ventos da terra. Possivelmente João aqui reconta uma visão anterior que retratava a selagem do povo de Deus contra a destruição causada pelos quatro ventos nos últimos dias; o furor dos ventos representaria toda a manifestação de juízo simbolizado pelos selos, trombetas e taças. Para a idéia da selagem dos santos no tempo de perigo, comparar Ez 9; 144.000 simboliza "fixidez e completa inteireza, 12 x 12 tomado mil vezes" (Alford). Muitas vezes fazia-se referência a Israel como "as doze tribos", para denotar a nação inteira sem qualquer pensamento de suas partes constituintes (At 26.7). A enumeração das tribos uma por uma serve para frisar a inteireza do número dos santos de Deus de quem Ele cuida durante a tribulação vindoura. Para a Igreja como o verdadeiro Israel, cfr. Rm 2.28-29, Gl 3.29, 6.16; Fp 3.3, Tg 1.1, 1Pe 1.1 com Ap 2.9. É curiosa a ordem das tribos em mais de um sentido. Judá encabeça a lista, um procedimento desusado entre os judeus; aqui se deve ao fato de ela ser a tribo do Messias. Dã é omitida enquanto Manassés aparece, se bem que esta seja incluída em José. Irineu explicava isto como se devendo à antiga crença que o anticristo viria de Dã. A meia tribo de Manassés era então incluída para completar o número de doze. Buchanan Gray descobriu que se 7.5c-6 (isto é, Gade a Manassés) fossem colocados depois do vers. 8, a lista se conformaria à enumeração costumeira das tribos judaicas, pela qual elas são arranjadas de acordo com a descendência de suas mães: os filhos de Léia são de Judá a Zebulom; os filhos de Raquel, José e Benjamim; os filhos da serva de Léia, Gade e Aser; os filhos da serva de Raquel, Naftali e Dã (aqui substituído por Manassés). É possível, portanto, que o nosso texto originalmente tenha mantido esta ordem, porém sofrido uma alteração por um copiador nos primeiros dias.

Depois destas coisas (9) marca de novo mais uma seqüência lógica do que cronológica. O resultado da selagem dos seguidores fiéis de Cristo é a sua última vindicação na glória. Uma multidão (9); a Igreja é vista triunfante no céu. Vestidos brancos significam a glória da ressurreição, e palmas, vitória e alegria depois de guerra (cfr. Mac 11.8; Mac 13.51). Salvação ao nosso Deus... e ao Cordeiro (10) ecoa Sl 3.8, "A salvação vem do Senhor"; ver também Ap 19.1. Os vencedores aqui atribuem a Deus e ao Cordeiro a sua redenção; eles não desejam que "salvação" seja dada a

Deus e ao Redentor. O Amém (12) das ordens angélicas endossa o louvor da multidão remida, enquanto eles, também, acrescentam as suas ações de graça.

A resposta de João à pergunta do ancião (13) implica em "Eu também gostaria de saber". A grande tribulação (14) de que a multidão veio, não quer dizer uma designação geral de tribulação, que é o quinhão normal do cristão, mas tem referência especifica à tribulação no desfecho desta era. Por outro lado, não há justificativa para a assunção comum de que a multidão consiste somente de mártires. A visão descreve a cena depois da cessação de tribulações; tem em mente, portanto, uma geração só de cristãos, a última. Contudo, a última parte da passagem parece referir-se à Igreja toda. A dificuldade se atenua se nós nos lembramos que o vidente profetiza um dia que para ele está quase no horizonte; ele não tem em mente épocas intervenientes. A última perseguição pode vir a qualquer momento. A Igreja ainda estava na sua segunda geração, e João não tinha razão para antecipar uma terceira. A glorificação da Noiva com o seu Senhor estava próxima. Ao seu modo de pensar, portanto, falar dos cristãos que vieram através da grande tribulação era denominar a maior parte da Igreja. Aqueles que já foram antes, tendo testemunhado uma boa confissão, seriam sem dúvida incluídos nesta multidão, mas era supérfluo mencioná-los. A Igreja da atualidade era o objeto em vista e ela preenche a tela de João. Para nós, quase dois milênios mais tarde, a Igreja é principalmente a Igreja triunfante no céu; é possível, portanto, aceitar literalmente o texto Estes são os que vieram de grande tribulação... e introduzir aí os nossos próprios nomes. Eles lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro é uma expressão simbólica, não para ser tomada literalmente, do perdão dos pecados pela fé no Cristo que morreu pelos homens. É possível traduzir, como o fazem alguns em Ap 12.11, no sangue do Cordeiro como "através do sangue do Cordeiro"; a lavagem e branqueamento das vestes, então, significa o vencer o pecado na vida, em virtude do poder da expiação de Cristo, um retrospecto em toda a luta da vida antes que no momento da conversão. Charles traduz a última parte de vers. 15: "Aquele que se assenta no trono fará com que a sua "chequiná" (glória) repouse sobre eles". A frase é singular. A "chequiná" (glória) era a manifestação da presença de Deus entre os homens, especialmente no tabernáculo e no templo em Jerusalém. Depois da peregrinação através do deserto, era de mui rara ocorrência em Israel; ao cristão é prometida como um privilégio constante. Os vers. 16 e 17 são uma afirmação tirada de Is 49.10 e Is 29.8: Cristo dessedente o homem provendo nEle mesmo o antídoto à sua irrequietude, a completa contraparte aos desejos não satisfeitos do homem.

Comentário de Apocalipse 8

Silêncio no céu (1) ocorreu a fim de se ouvirem as orações dos santos. Há uma tradição judaica que "no quinto céu existem companhias de anjos de serviço que cantam louvores de noite, porém são silenciosos de dia por causa da glória de Israel", isto é, que os louvores de Israel sejam ouvidos. Em nosso texto, contudo, a ação de graças do céu aquieta-se para se ouvirem, não louvores, mas clamores por livramento dos cristãos sofredores da terra. O aparecimento, a esta altura, dos sete arcanjos com sete trombetas (2) interrompe a seqüência da visão e, ao menos em pensamento, deverá ser considerado depois do vers. 5. Incenso oferecido com as orações de todos os santos (3) serve para torná-los aceitáveis perante Deus. Se orações humanas forem eficazes, elas terão que ser livres da mancha de egoísmo ou pecado. É de duvidar que apareçam dois altares neste versículo. O único altar no céu parece participar do caráter tanto do altar de ofertas queimadas, como do altar de incenso, que estava no santíssimo lugar. As orações dos santos são respondidas. O fogo que queimava o incenso é lançado à terra e se torna um meio de juízo. Seguem-se vozes, e trovões, e relâmpagos e um terremoto (5). Estes fenômenos revelam que está chegado o fim e o reino de Deus esta estabelecido; ver Ap 11.19 (conseqüente à sétima trombeta) e Ap 16.18 (seguindo à sétima taça).

Como os sete selos caem em dois grupos de quatro e de três, assim as sete trombetas se dividem, as primeiras quatro tendo reminiscências distintas das pragas egípcias, na ocasião do êxodo. Em Ap 15.3, a segunda vinda é tacitamente comparada com o êxodo (os redimidos cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro); assim, aqui essa redenção é proclamada por semelhantes pragas sobre os ímpios. Note-se, outrossim, que o uso escatológico da trombeta remonta ao soar da trombeta na ocasião da teofania no Sinal (Êx 19.13-20). Para exemplos do uso da trombeta nesse último dia, ver Jl 2.1, 1Co 15.52, 1Ts 4.16.

A primeira trombeta afeta um terço da terra; cfr. a praga de saraiva e fogo, em Êx 9.25. Toda a erva verde foi queimada, isto é, na terça parte da terra afetada; os gafanhotos de Ap 9.4 são proibidos de danificar a erva da terra, que não existiria se este juízo fosse universal. A segunda trombeta afeta um terço do mar. Como o Nilo foi transformado em sangue, na primeira praga egípcia (Êx 7.20-21), assim a terça parte do mar aqui. A terceira trombeta faz com que um terço da água doce se torne amarga, e assim continua a idéia da praga anterior; cfr. Ap 16.3-7. Desde que a estrela que caiu, ao soar da quinta trombeta (Ap 9.1), é um ser angélico, é possível que Absinto

(11) seja também um anjo. Para as águas amargas, comparar Jr 9.15; Jr 23.15. A quarta trombeta escurece a terça parte do céu. Em vez de "e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite" (versão revista e corrigida), ler com a versão Boaírica, "não brilhasse a terça parte deles durante o dia e de igual modo durante a noite". Isto corresponde até certa medida à praga egípcia das trevas (Êx 10.21-23).

Ai (13) agora se repete três vezes pelo anjo, porque as últimas três pragas são particularmente penosas e se intitulam o primeiro, o segundo e o terceiro ais. Eles se dirigem aos que habitam sobre a terra, isto é, o mundo não cristão em distinção da Igreja.

Comentário de Apocalipse 9

A quinta trombeta introduz uma praga de gafanhotos demoníacos. O fato que a estrela vista por João jaz "caída na terra" não exige que seja um anjo "caído". O movimento é narrado simplesmente para mostrar que a "estrela" veio desde o céu até a terra para abrir o abismo, onde habitavam as hordas demoníacas. Nuvens como o fumo de uma grande fornalha (2) lembrariam os leitores de João dos vulcões que eles haviam visto, mas elas têm por finalidade antes deixar a impressão de uma nuvem de gafanhotos que avança (ver Jl 2.10). A comparação destas hostes demoníacas aos gafanhotos remonta à visão de Joel, acima mencionada; onde é dito que os exércitos de gafanhotos têm a aparência de cavalos de guerra que correm à batalha, estrondeiam como carros, avançam como homens poderosos, escurecem os céus (Jl 2.4-10) e têm presas como leões (Jl 1.6). Além destas características, João declara que os gafanhotos têm poder para infligir a dor como escorpiões (3); ver também Ap 9.10. Vers. 4 indica a razão por que os gafanhotos ferroam: eles são mandados não para danificar a vegetação, mas tão somente tais homens que não têm em suas testas o sinal de Deus. Cinco meses (5) é a extensão normal da vida dum gafanhoto (primavera e verão). Escorpiões infligem agonia, porém raramente matam aos homens. A semelhança entre a cabeça de um gafanhoto e a de um cavalo (7) era muitas vezes mencionada por escritores antigos. O cabelo como o cabelo de mulheres (8) se refere à sua antena comprida, dentes leoninos, à capacidade destruidora, couraças de ferro, as suas escamas. As coroas semelhantes ao ouro, e os rostos como eram rostos de homens (7), contudo frisam o fato que eles não são gafanhotos ordinários, mas sim, demônios. Daí o seu rei é Abadom (11), um nome que no Velho Testamento denota as profundezas do Seol e significa "destruição" (cfr. Jó 28.22).

Se esta praga tem por finalidade simbolizar as dores da consciência ferida dos homens (como Swete crê), ou deverá ser tomada mais literalmente, é difícil dizer. É possível que, tanto neste ai, como no que se segue, João descreva o incômodo da humanidade por forças demoníacas reais; tal ponto de vista estaria de acordo com o ensino do Novo Testamento sobre demônios em geral.

A sexta trombeta traz um exército demoníaco do Eufrates. Uma voz do altar de ouro inicia a praga (13), ligando-a, deste modo, aos clamores dos mártires no céu e às orações dos santos na terra (cfr. Ap 8.4-5). Os quatro anjos (14) são ministros da ira. O rio Eufrates formava o "limite ideal" da terra de Israel (Driver, ver Gn 15.18); além dele ficavam os grandes impérios da Babilônia e Assíria. Como exércitos vinham destes territórios incógnitos para devastar ao Israel desobediente da antigilidade, assim se levantariam cavalos mais pavorosos para punir o mundo sem Deus. Nada no programa de Deus é acidental. É fixo o momento preciso desta invasão, a saber, "numa hora definida de um dia definido, num mês definido, de um ano definido" (Charles). A inimaginável cifra de duas centenas de milhões (ver Sl 68.17) sugere que toda esta descrição nos vers. 16-19 não se deve tomar literalmente demais. Os cavaleiros parecem ser de pouca monta; são os cavalos que apavoram e destroem. Correspondendo ao mortífero fogo e fumo e enxofre (17) que procede da boca dos cavalos, os cavaleiros têm couraças de vermelho fogoso, azul fumegante e amarelo sulfúrico. Monstros desta qualidade não eram incógnitos à mitologia pagã; João, possivelmente de propósito, emprega tais termos para declarar que os artifícios desta multidão infernal excedem a descrição das mais apavorantes imaginações da superstição pagã, inclusive até os brutos do caos primevo. A praga

deixa de produzir um efeito salutar no mundo que se opõe a Deus; os homens persistem ainda na idolatria, com seus males concomitantes e não acham nenhum lugar para o arrependimento (20-21).

Comentário de Apocalipse 10

Assim como João inseriu um parêntese entre o sexto e o sétimo selos, assim ele faz entre a sexta e a sétima trombetas. O seu propósito neste interlúdio é acentuar a certa proximidade do fim (Ap 10.1-7), a validade do seu ministério profético (Ap 10.8-11), a segurança da Igreja (Ap 11.1-2) e o poder do seu testemunho na era do anticristo (Ap 11.3-13). Através desta seção, o vidente põe os escritos proféticos muito sob contribuição, tanto canônica como de outra forma, e reaplica-os com grande liberdade; é necessário levar isto em mente especialmente em se tratando de interpretar o cap. 11.

1. A PROXIMIDADE DO FIM (Ap 10.1-7) -O anjo forte (1) é às vezes identificado com Cristo, mas não é provável que se fizesse referência a Ele como sendo um anjo; ver Dn 12.7. O arco-íris em redor de sua cabeça pode ser devido radiância do seu rosto, que reluz através da nuvem que o circunda. Uma vez que a palavra hebraica para pé (regel) pode significar também perna, devemos talvez ler "suas pernas como colunas de fogo". Em vista do vers. 11, o livrinho (2) parece incluir o resto das visões este livro. Os sete trovões (3) não foram proferidos pelo anjo, porque eles seguiram o seu clamor, mas provavelmente vieram de Deus ou de Cristo (como também o comando de vers. 4). Por uma razão que não nos é conhecida, é proibido a João revelar a mensagem dos trovões. Alguns comparam 2Co 12.4, porém, não adequadamente, porque a revelação mal podia ser maior do que a dos cap. 4 e 5. Kiddle sugere que foi uma revelação dada para a própria iluminação de João, mas que, para relatar, ele não pode digressionar, em vista da importância do resto da visão, um conceito que é tão viável quanto qualquer um outro até agora exposto. Para Ap 10.5-7, cfr. Dn 12.7. O anjo fica em pé na terra e no mar porque a sua mensagem é de importância universal. O peso de sua declaração é que não haveria mais demora (6). O propósito de Deus para a humanidade, revelado aos profetas, deverá ser agora cumprido; o sétimo anjo (7) está para fazer soar a sua trombeta e então virá o fim.

2. A COMISSÃO DE JOÃO COMO PROFETA REAFIRMADA (Ap 10.8-11) - Esta parte da visão relembra Ez 2.9-3.3. Como no caso de Ezequiel, o comer o livro causou tanto doçura como amargura, um fenômeno devido, contudo, ao misto de bênçãos e ais a serem pronunciados do que à doçura de proclamar obedientemente o que é amargo. A importância da passagem parece ser uma reafirmação da comissão profética de João.

Comentário de Apocalipse 11

3. A SEGURANÇA DA IGREJA (Ap 11.1-2) - Neste breve oráculo, é medido o templo em Jerusalém, junto com os seus adoradores, para proteção em um período de tribulação (cfr. Ez 40.3; Am 7.7-9). O átrio exterior dos gentios e a própria cidade são deixados ao domínio de um opressor pagão, por três anos e meio. Alguns expositores têm interpretado isto como significando que a profecia foi escrita antes de 70 A. D., enquanto o templo ainda estava de pé. Mas é difícil harmonizar este ponto de vista com o livro como um todo, que se preocupa com o bem-estar da Igreja Cristã, e não a nação judaica. A visão de João pretende revelar a segurança espiritual da Igreja durante a era do domínio do anticristo. Segue-se que não devemos esperar poder alegorizar cada pormenor do retrato, mas estar contentes por entender o seu sentido geral. O templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram (1) encerram uma ideia a Igreja (cfr. 1Co 3.16). Semelhantemente, o átrio que está fora do templo e a cidade santa (2) representam conjuntamente o mundo fora da Igreja. É uma afoita transformação, mas o vers. 8 sugere que a antiga "santa cidade" se tornou agora idêntica com a Sodoma pecaminosa, Egito, o opressor, e o império tirânico que guerreia contra o Messias. Para os quarenta e dois meses (2) cfr. Ap 12.6 (mil duzentos e sessenta dias) e Ap 12.14 (tempo, tempos, e a metade de um tempo), todas as expressões equivalentes aos três anos e meio do reino do anticristo. O mesmo cálculo aparece em Dn 7.25-12.7, mas a sua exata significação ainda é obscura.

4. A PROFECIA DAS DUAS TESTEMUNHAS (Ap 11.3-14) - Isto envolve princípios semelhantes aos vers. 1-2. As duas testemunhas originalmente foram Moisés e Elias. Para o aparecimento esperado deste último, antes da vinda do Messias ver. Ml 4.5. Era o pensamento de alguns que Moisés também tivesse sido trasladado ao céu e retornasse com Elias; Johanan ben Zakkai declarou que Deus dissesse a Moisés, "Se eu mandar o profeta Elias, vós ambos teríeis que vir juntos". Podia argumentar-se que João pretendia que a profecia fosse entendida literalmente; mas certas indicações no texto sugerem que a visão se refere à atividade missionária da Igreja toda. Diz-se que a besta fará guerra às duas testemunhas (7), uma frase curiosa em referência a dois indivíduos, mas aplica-se à Igreja em Ap 13.7; homens do mundo inteiro presenciam suas formas martirizadas e se regozijam na sua subjugação (9), um pensamento impossível, se estavam em mente dois indivíduos em Jerusalém; e as testemunhas são representadas por castiçais (4), uma figura aplicada à Igreja no cap. 1. A passagem, conseguintemente, ilustra o testemunho poderoso da Igreja na era sob revista, por meio de uma expectação judaica bem conhecida. O vers. 4 mostra por que há duas testemunhas, e não uma (Elias): João tem em mente a visão de Zacarias, das duas oliveiras, em pé de cada lado do castiçal de ouro (Zc 4). As duas oliveiras lá representavam talvez Josué e Zorobabel, o castiçal, Israel. João faz com que o castiçal se torne em dois para o conformar com as duas oliveiras e declara que, tanto as oliveiras como os castiçais, significam a mesma coisa, a Igreja na sua capacidade profética. O castiçal já se virou em sete para representar as sete igrejas (Ap 1.12; Ap 2.1); é uma fácil transição fazê-los tornar-se em dois para corresponder aos dois profetas, se bem que aqui a Igreja toda é tipificada pelos castiçais, não uma parte dela. Saco (3) é usado pelas testemunhas por causa do grave caráter de sua mensagem. O poder extraordinário da Igreja é exposto, nos vers. 5 e 6, em termos reminiscentes de Moisés e Elias. O fogo destruidor recorda 2Rs 1.10; a capacidade para impedir chuva, 1Rs 17.1; o transformar água em sangue e o ferir a terra com pragas, Êx 7. No vers. 7, nós temos a primeira menção da besta que sobe do abismo. Fala-se dela como se fosse bem conhecida, mas descrições mais completas dela ocorrem nos capítulos 13 e 17. Note-se a semelhança das palavras empregadas em Ap 13.7 para descrever a guerra da besta contra a Igreja.

A grande cidade (8) significa o que Bunyan representava como "A Feira da Vaidade" (Kiddle). Através do resto do livro, a frase é usada para cidade prostituta, Roma (Ap 16.19; Ap 17.18; Ap 18.10), de maneira que com um notável golpe da pena João identifica Jerusalém com Sodoma, Egito e Roma e, tudo junto, com o mundo que rejeitou e crucificou o Filho de Deus. Judeu e gentio unem-se em procurar esmagar o testemunho das fiéis testemunhas de Cristo, assim como eles procuravam destruir o próprio Senhor (9). A denegação de deixar o corpo insepulto significa a maior profundeza de ignomínia a que o homem podia ser sujeito; ver Sl 79.3 e o livro de Tobias. A Igreja é esmagada pelos seus inimigos por três dias e meio (11), correspondendo aos anos de seu testemunho, "um breve triunfo, de fato, mas longo bastante para dar a ideia de ser completo e final" (Swete). À conclusão dos três dias e meio, o Espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles, e puseram-se sobre os seus pés. Esta é uma citação de Ez 37.10, que se referia ao avivamento espiritual da nação de Israel. Possivelmente, portanto, esta ressurreição deva ser tomada figuradamente, significando uma revivificação tão tremenda, a ponto de infundir terror ao mundo; mas pode descrever o arrebatamento dos santos (cfr. 1Ts 4.16-17) e assim ser equivalente à primeira ressurreição (Ap 20.4-6). Comparar o terremoto aqui (Ap 11.13) com o que se encontra em Ap 6.12. O número sete mil (13) indicaria adequadamente a décima parte da população de Jerusalém. Em fazer a cidade representar a cidade mundial da Feira da Vaidade, João não tinha necessidade de alterar o algarismo, pois sete mil podia ser interpretado para significar qualquer número considerável. Note-se que estes eventos evocaram alguma espécie de arrependimento da raça impenitente até agora.

A sétima trombeta, como o sétimo selo, é seguida pelo advento do reino de Deus. Uma vez que o soar da sétima trombeta pretenda introduzir o terceiro ai (14), mas não se descreve nenhuma calamidade, evidente se torna que mais tarde devemos esperar mais elucidação quanto à matéria. Tal expansão provê-se em Ap 14.19-20 e cap. 18. Entrementes, grandes vozes proclamam, "Os reinos do mundo vieram a ser do nosso Senhor e do seu Cristo" (15), um reino conjunto que não deve conhecer fim; significa o reino milenário fundindo-se na bem-aventurança eterna da nova criação (20-22). O atributo costumeiro de Deus é abreviado de modo significante; jamais se diz que ele "há de vir", porque ele "tem vindo". Tomaste o teu grande poder e reinaste (17); o eterno reino tem começado ao se

iniciar um novo exercício da soberania de Deus sobre o homem, uma soberania que em nenhum tempo da história tem sido abandonada, mas que, na sua sabedoria, tem sido voluntariamente limitada. O cântico de ação de graças (17-18) marca um ordenado progresso de pensamento que mais tarde se observa no livro: Deus tem começado o seu reino eterno, isto é, o reino milenário (Ap 20.4-6); as nações se enraiveceram, levantando-se em rebelião (Ap 20.8-9); a ira de Deus se manifestou em juízo (Ap 20.9); os mortos foram julgados (Ap 20.10-15); os santos galardoados na cidade de Deus (Ap 21) e os pecadores destruídos no lago de fogo (Ap 20.15-21.8).

O templo no céu se abre para revelar a arca do concerto (19). A manifestação aos homens da arca neste ponto sugere que o alvo do concerto, que é a promessa do reino, está agora no ato de se cumprir. Relâmpagos, terremoto e saraiva etc., testificam que tem chegado a consumação (cfr. Ap 8.5, 16.17-21).

Comentário de Apocalipse 12

Desde que as sete trombetas seguem os sete selos, é uma expectação natural que as sete taças serão imediatamente derramadas, de sorte que a história das dores de parto do reino se possa completar. Em vez disto, entretanto, se intervém um parêntese comprido. É necessário revelar o verdadeiro caráter do conflito, que o Messias termina com o seu aparecimento antes que a própria derrocada possa ser apreciada e entendida. A luta em que os santos se envolvem não é simplesmente o esforço de uma comunidade religiosa menor para resistir às perseguições de um Império; isto não forma senão a plataforma de um conteúdo mais pavoroso, em que o adversário perene de Deus e do homem luta por todo o subterfúgio de política e paganismo para frustrar o propósito de Deus centralizado na sua Igreja. O "parêntese" entende-se assim ser o âmago do livro. Ele cobre o período messiânico inteiro, desde o nascimento de Cristo até a consumação.

Os gregos contavam uma história do nascimento de Apolo marcadamente paralela à dos vers. 1-6. Os egípcios semelhantemente relatavam o nascimento de Hórus; um fato é que a história, em formas modificadas, parece ter sido universalmente contada. Claramente, João tem empregado uma narrativa bem conhecida (primeiramente adaptada, aparentemente, por um judeu) tanto para ilustrar o seu próprio tema, como para tacitamente excluir todos os heróis de outras crenças da posição de Redentor
universal. Tal emprego de fontes pagãs é semelhante ao uso das narrativas judaicas, tais como as dos capítulos 7 e 11; a mensagem que elas pretendem apresentar é, em ambos os casos, nem pagã nem judaica, mas cristã, de ponta a ponta. Para as nações pagãs do mundo antigo, a mulher grávida (Ap 12.1-2) teria sido uma deusa coroada com as doze estrelas do zodíaco. O judeu teria visto nela o seu próprio povo, encabeçado pelos doze patriarcas. João mostra que ela não representa nenhum destes, mas o verdadeiro povo crente de Deus, tanto da velha, como da nova dispensação, a comunidade messiânica.

O dragão se identifica no vers. 9 com Satanás. Suas sete cabeças e dez chifres (3) revelam ser ele o anticristo do mundo espiritual, assim como o seu agente, "a besta" (Ap 13.1) é o anticristo terrestre compartilhando de suas características. A figura foi usada em Daniel para descrever a natureza das quatro sucessivas potências mundiais da história. Em Daniel, as sete cabeças foram divididas entre as quatro bestas, enquanto aqui elas são retidas em uma concentração horrível do mal. Os dez chifres são semelhantemente tradicionais e na potência terrestre anticristã se aplicam aos dez reis (Dn 7.24; Ap 17.12). E a sua cauda, levou após si a terça parte das estrelas do céu (4) ecoa a vitória de Satanás sobre os poderes angélicos, mas, se João pretendia por este fenômeno qualquer coisa mais do que uma alusão ao grande poder do dragão, é difícil dizer. A afirmação do destino da criança (5; Sl 2.9) explica o desejo do dragão de devorá-la, pois as nações, ele as reconhecia como a sua legítima presa. Na sua referência original, o sentido seria que a criança foi arrebatada ao trono de Deus por segurança, enquanto ainda um infante; mas o "arrebatamento" é suficientemente semelhante à ascensão triunfante de Jesus, para tornar claro o seu real sentido neste contexto.

O povo de Deus é seguro das artimanhas do diabo durante o período do reino de terror do anticristo (6). Isto está de acordo com o ensino de Ap 7.1-8; Ap 11.1-2; antecipa a queda de Satanás, descrita nos vers. 7-12, e é ampliado em 13-17. A batalha no céu (Ap 12.7-12) pode significar uma tentativa para investir-se contra o refúgio da "Criança-

redentora". Daí o protagonista celeste ser um arcanjo que dirige as hostes de Deus; é ele que ganha a vitória sobre o diabo e os seus seguidores demoníacos. A sua conquista traz o reino de nosso Deus (10; cfr. Dn 12.1-3). Mas o acréscimo do vers. 11, por nosso profeta, transforma a cena toda. O meio real da conquista do dragão foi a obra redentora de Cristo; o seu povo compartilha essa vitória pelo seu testemunho ao poder salvador nas suas vidas. A conquista angélica torna-se mera figura para a vitória de Cristo e os seus santos. O início do reino de Deus através da redenção na cruz é um paralelo próximo ao ensino joanino e paulino de que a morte e a ressurreição do nosso Senhor foram a ocasião da derrota de Satanás e o estabelecimento da era do reino com todas as suas bênçãos concomitantes. O , desta forma, não pode ser considerado, como se diga, totalmente livre de escatologia "concretizada". Charles tem solucionado, com bom êxito, uma dificuldade linguística de há muito tempo, traduzindo no vers. 7 "Miguel e seus anjos tiveram que lutar com o dragão". Ver I. C. C. págs. 321-322.

A antiga serpente (9) é aquela que tentou a Eva no Éden. Diabo (*diabolos*) é o equivalente grego do hebraico *Satan*, ambos significando "caluniador". O texto sugere que nunca Satanás pode cumprir a sua função de falsamente acusar os santos perante Deus. (Ver Jó l, e Zc 3), pois Cristo lhes tem assegurado o seu perdão e os reconciliado com Deus através da sua expiação. Consequentemente, o diabo concentra a sua capacidade como dragão, serpente e enganador.

Reino (10) é talvez traduzido melhor aqui "soberania"; mas cfr. Cl 1.13-14, onde o pensamento é muito semelhante; para o derribar de Satanás, cfr. Jo 12.31-33. A redenção de Cristo é a causa principal da vitória dos santos (11); o seu testemunho testifica de sua eficácia nas suas vidas. No vers. 12 leia-se "ai da terra e do mar". A expressão corresponde à designação freqüente, de João, do mundo descrente como "os habitantes da terra" (Ap 11.10; Ap 13.8; etc.); Usa-se aqui em distinção da esfera celeste onde outrora habitava. O pouco tempo (12) define-se no vers. 14; o período do reino do anticristo é aqui visto como uma administração do diabo através daquele. O dragão agora volta a sua atenção para a mulher, isto é, a Igreja, tendo falhado no caso do Senhor dela: cfr. Jo 15.20. Para Ap 12.14, ver vers. 6n. A mulher é nutrida mais "por causa da" do que "fora da vista da" serpente. No simbolismo que revela o ataque contra a mulher, a serpente é considerada como um monstro da água, inclusive a personificação do mar. Daí a mulher foge para refúgio no deserto (14), onde um monstro marítimo não pode ter lugar. Para não ser superada, a serpente manda após ela um dilúvio, mas a terra o traga, de maneira que não se faça mais nada por ele (15-16). O retrato bem ilustra a segurança espiritual dos crentes contra tudo que o diabo possa fazer em suas tentativas para destruí-los.

Comentário de Apocalipse 13

No vers. 1, tanto a evidência dos manuscritos, como o contexto, favorecem a seguinte tradução: "ele ficou em pé sobre a areia do mar". O dragão, tendo falhado, ele só em esmagar a Cristo e a Seu povo, chama ao seu lado um ajudador. A besta vem subindo do mar (1), dessarte mostrando o seu caráter como um monstro marítimo (como o dragão; ver notas sobre Ap 12.3,15-16 e cfr. Dn 7.3), e demoníaco (de acordo com Ap 11.7, o mar é equivalente ao abismo). A segunda besta, por outro lado, vem subindo da terra (11). Esta diferença corresponde à existente entre behemote, o monstro terrestre (Jó 40.15 e segs.) e o leviatã, o monstro marítimo (Jó 41), criaturas que, nos livros proféticos, servem para tipificar as forças que se opõem a Deus (ver Is 27.1; Is 51.9; Ez 32.2; etc.).

Os pormenores do monstro marítimo são tirados de Dn 7. Aprendemos de Ap 17.5,9 que ele representa o poder de Roma, sendo as sete cabeças uma sucessão de imperadores, e os dez chifres, dez reis aliados (Ap 17.12); os nomes de blasfêmia são os títulos divinos que se reclamam pelos soberanos romanos. As características de leopardo, urso e leão em Dn 7.4-6 foram compartilhadas entre os três primeiros impérios. Aqui elas se combinam em uma unidade terrível de poder e malícia, o leopardo significando crueldade e astúcia, o urso força, o leão, ferocidade. Uma das cabeças foi "ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada" (3). Evidentemente, a referência é à morte de um dos seus imperadores. Mas de quem é dito que a chaga mortal foi curada, o Imperador em apreço, ou o Império de que ele fazia parte? Gunkel acreditava neste último, pois um monstro, sofrendo da perda de uma de suas cabeças, tem ele mesmo recebido um golpe mortal; a referência histórica podia então ser ao assassínio de Júlio César, cuja morte perigou a segurança do Império (uma de suas cabeças, no grego-hebraico de João, podia significar a primeira das cabeças). A maioria dos expositores tendem a interpretar a cura da chaga mortal como da cabeça (imperador) em apreço, que, em seguida, é identificada com a besta, ela própria (como nos vers. 12,14 e 17). Isso podia significar que um dos imperadores se ergueria da morte e assumiria em si o caráter do império inspirado pelo diabo. Precisamente isso estava sendo alegado com respeito a Nero, ao tempo da confecção deste livro; pois, se bem que ele se suicidou em 68 A. D., era largamente crido que voltaria para conduzir as forças orientais contra Roma. Ver

ainda sobre 17.8,11 e note-se IXd sobre o império anticristão.

O mundo cultua tanto ao diabo como ao falso Cristo, que congrega em si as características do Império (4). A boca para proferir grandes coisas (5) é atribuída ao poder contra Deus, em Dn 7.8,20. Para os quarenta e dois meses, comp. Ap 11.2; Ap 12.14. Durante este tempo, diz-se ser dado à besta autoridade para continuar, isto é, agir perversamente; cfr. Dn 8.12; Dn 11.36. Note-se que, ainda que o dragão desse à besta a sua autoridade sobre a terra, a verdadeira permissão para os seus blasfemos ditos e feitos, e até mesmo a duração do seu reino, vêm de Deus; ver também os vers. 7,10,14-15. Nunca é a soberania de Deus mais aparente do que durante o reino do anticristo. Cfr. o vers. 6 com 2Ts 2.4 e o vers. 7 com Dn 7.21. É incerta a referência das palavras desde a fundação do mundo (8); elas podem ser ligadas com a morte do Cordeiro ou com o escrito dos nomes dos santos no livro da vida. Ambos os sentidos são igualmente verdadeiros; para aquele, cfr. 1Pe 1.19-20, para este, Ef 1.4. Resolve-se a dificuldade para quase todos quando se apela para Ap 17.8, onde se emprega linguagem quase idêntica, ligando a frase com o escrito no livro. Porém a ordem das palavras é decididamente contra esta interpretação, a não ser que fosse a verdade que o livro assim como nós o temos é uma tradução do escrito original de João. No vers. 10, assegura-se à Igreja que justiça será aplicada aos opressores e assassinos da terra. Há, contudo, uma outra tradução que diz: "Se alguém é para o cativeiro, para o cativeiro vai: se alguém deve ser morto com a espada, com a espada será morto". Deste modo, muda-se inteiramente o sentido, exprimindo a resignação que os cristãos deverão adorar em face do possível encarceramento ou martírio. Isto concorda bem com Jr 15.2; Jr 43.11, e deve talvez ser preferido. Uma segunda besta vem acudir à primeira na qualidade de seu profeta. Ela tem dois chifres semelhantes aos de um cordeiro (11), simulando o caráter de Cristo, mas foram diabólicas as suas palavras; cfr. Mt 7.15. Que a segunda besta faz que a terra... adore a primeira, besta, (12) parece indicar que esta figura representa o sacerdócio do culto ao Imperador. Mas chama-se "o falso profeta" (Ap 16.13; Ap 19.20; Ap 20.10). Contudo, como a besta de sete cabeças e dez chifres significa o império anticristão encarnado num anticristo pessoal, é provável que este sacerdócio pagão se represente também numa cabeça suprema que dirige a sua obra diabólica. Tal interpretação está de acordo com as afirmações posteriores de que o falso profeta e o anticristo são lançados "vivos" no lago de fogo (Ap 19.20; Ap 20.10), pois, duvida-se que em tais contextos uma besta represente um indivíduo e a outra um corpo de pessoas.

Essas passagens, de fato, podem sugerir que o falso profeta seja um ser demoníaco assim como o anticristo. Os sacerdotes pagãos tinham pouca compunção em valer-se de truques, tal como a produção de fogo aparentemente do céu (13), e, por ventriloquismo, fazer falar um ídolo (15). É possível, contudo, que João signifique que os milagres feitos pelo falso profeta serão genuínos. É uma característica reconhecida da profecia cristã do anticristo; cfr. Mc 13.22; 2Ts 2.9. A marca da besta (16) no povo não cristão é a contraparte do selo de Deus nos cristãos (Ap 7.1-8); ambos servem para mostrar a fidelidade, quer a Deus, quer ao diabo. Se as duas designações pretendem denotar qualidades espirituais, bem como um meio para identificação externa, elas sugerem que caráter tende a excluir as influências que não estejam de acordo com ele-no caso de crentes, influências satânicas, no caso de descrentes, as operações graciosas do Espírito Santo. Um homem se torna mais e mais semelhante à imagem do seu mestre. O efeito imediato de receber a marca da besta consiste no ostracismo social daqueles que a recusam. Envolve nada menos do que a proclamação pelo Estado de guerra econômica
contra a Igreja (17).

A marca da besta reproduziu ou o seu nome, ou o número formado, juntando os valores numéricos representados pelas letras do seu nome (em grego e hebraico não existem nomes numerais separados, as letras do alfabeto têm que servir também a esta finalidade). Seiscentos e sessenta e seis é o número. As soluções deste enigma quase alcançam esse número. Gunkel e muitos outros insistem em que ele não representa o nome de um indivíduo; a frase é o número de um homem (18) significa simplesmente "é uma computação humana", em distinção de um cálculo sobrenatural (cfr. Ap 21.17). Tais intérpretes freqüentemente consideram o número como um símbolo de ficar constantemente aquém da perfeição por parte do anticristo, posto que cada algarismo é um menos que sete; indica-se que os Oráculos Sibilinos (1.328) dizem que o número do nome de Jesus é 888, um além da perfeição. O próprio Gunkel não aceita esta sugestão, mas acha que o número serve para identificar o Imperador Romano com o monstro do caos, de que o retrato do dragão e da besta é tirado neste livro ("Caos Primordial" em hebraico dá 666). A ideia tem sido indevidamente reduzida ao mínimo no terreno em que os leitores de João mal podiam ter encontrado uma tal remota solução, posto que eles conheciam só o grego. Por conseguinte, o exegeta hodierno favorece antes a solução "Nero César", escrito defeituosamente em hebraico! Mas, se aquele seria ininteligível ao povo que fala grego, de igual modo seria este, se bem que "Nero César", transcrito em hebraico de uma grafia latina, dê o número alternativo 616, que se encontra em alguns manuscritos. A sugestão de Clemente- "O reino latino", escrito em grego, é atraente; não só dá o 666, que se requer, mas "O reino italiano" dá o alternativo 616.

Estranho como pareça, não é impossível que todas as soluções acima estejam certas. É provável que, desde que João usou uma fonte hebraica neste capítulo, o número original foi hebraico, e o número não foi inventado por ele. Como ele conhecia o mito do caos, e era um hebreu, o nome *Tehom Qadmonah*, "Caos Primordial", não lhe seria impróprio. Outrossim, é sugerido em nossa interpretação de Ap 17.8,11 que o profeta fundiu os mitos do monstro

do caos e Nero Redivivus, para formar o seu retrato do anticristo; os adversários da Igreja encarnaram tão perfeitamente o poder antigo do mal, que ambos poderiam ser descritos sob o mesmo sumário histórico, isto é, já foram e não são, e estão para subir do abismo e ir para a perdição. Um número, portanto, que denotasse esse princípio mau, tão bem como o império e o indivíduo em que ele deva ser encarnado, era, mais do que o coração podia desejar, uma perfeita representação de bruxaria ou arte diabólica.

Comentário de Apocalipse 14

A finalidade desta e das visões que se seguem neste capítulo, é fortalecer os cristãos para as tribulações implicadas no relato que se segue do reinado do anticristo. A identidade dos 144.000 parece ser determinada por Ap 7.1-8 e Ap 5.9-10. João mal representaria dois grupos diferentes por tal número tão extraordinário e obviamente simbólico, especialmente quando ele acrescenta que ambas as companhias têm a marca de Deus nas suas testas (Ap 7.3-4; Ap 14.1). A multidão se define como aqueles que foram comprados da terra (3), um eco da descrição de Igreja em Ap 5.9. Outrossim, diz-se que eles estão sobre o monte Sião (1), isto é, a Jerusalém celestial da era milenária (Ap 21.9); isto está também de conformidade com o cântico de ação de graças, em Ap 5.10, mas representa um avanço sobre o prévio retrato dos 144.000, onde esta multidão está ainda sobre a terra (Ap 7.1-8) e depois é vista no céu, ainda não incluída contudo, nos privilégios reais (Ap 7.9-17). Nós, portanto, tomamos esta visão para retratar a Igreja possuindo a glória do advento de Cristo na era milenária. O tema do Cordeiro e da Jerusalém celestial encontrado neste capítulo expande-se em Ap 21.9. O nome escrito nas testas dos cristãos (1) explica a natureza do "selo" mencionado em Ap 7.1-8. As hostes angélicas cantaram "um novo cântico" (Ap 5.9), mas somente os 144,000 podiam aprendê-lo (3); evidentemente, ele trata da experiência de redenção, que somente pecadores salvos podiam conhecer. A nossa interpretação deste versículo é condicionada, na nossa identificação desta companhia, com a do cap. 7; é impossível, portanto, considerá-lo como enumerando homens solteiros somente. Parece melhor interpretar a linguagem do vers. 4 como simbólica, denotando a pureza espiritual de homens e mulheres que formam a noiva de Cristo (cfr. 2Co 11.2). Não são inaptos tais termos numa visão retratando a Igreja glorificada com o seu Senhor na Jerusalém celestial; ver Ap 21.9. Se aparche for traduzida aqui primícias a última parte do versículo se relaciona com tais Escrituras, como Tg 1.18; 2Ts 2.13 (onde se lê, em algumas versões, "Deus nos escolheu como primícias...", em vez de "Deus escolheu desde o princípio..."); porém, podia ser traduzida, pelo seu sentido usual dos LXX, "sacrifício"; porque tal pensamento é peculiarmente apropriado nesta profecia do testemunho, sofrimento, e martírio dos escolhidos de Cristo.

A sucessão de breves oráculos nesta seção é unificada pelo uso de seis anjos, que anunciam o juízo e o executam. Igualmente com a visão anterior, entende-se fortalecer o nervo do cristão, uma visão sendo a retribuição do bem e outra, a retribuição de más obras.

1. O PRIMEIRO ANJO (Ap 14.6-7) -Uma última advertência é dada aos homens descrentes. Todas as nações são convocadas ao arrependimento e ao culto de Deus. A mensagem chama-se um "eterno Evangelho", pois as eternas bênçãos das boas novas ainda permanecem para aqueles que atendem, este oráculo parece registrar o cumprimento final de Mc 13.10.

2. O SEGUNDO ANJO (Ap 14.8) -A queda de "Babilônia" é relatada em maiores pormenores no cap. 18. Este nome simbólico de Roma aparece em 1Pe 5.13, os Oráculos Sibilinos 5.143, 159 e 2 Baruque 11.1.

3. O TERCEIRO ANJO (Ap 14.9-13) -Esta é uma advertência que forma umcomplemento à pregação do eterno evangelho nos vers. 6-7. Para o cálice não misturado (não "diluído"), cfr. Sl 75.8. Para o fogo e enxofre, cfr. Is 34.8-

10, que é reminescente de #Gn 19.24-25. A paciência dos santos (12) encontra um aguilhão adicional na contemplação da terrível destruição dos adoradores da besta, assim como o saber que alguns deles serão chamados para o encarceramento e a morte dá um estímulo semelhante (Ap 13.10). A bem-aventurança dos mortos que desde agora morrem no Senhor (13) serve à mesma finalidade; cristãos que encaram a possibilidade de sofrer por causa do nome sabem que eles repousarão na companhia do seu Senhor e receberão uma recompensa pela sua fidelidade,

4. O QUARTO ANJO (Ap 14.14-16) -É comum considerar estes versículos como descrevendo o arrebatamento da Igreja por Cristo na sua vinda, e os vers. 18-20 como o ajuntamento do mundo incrédulo para o juízo; é possível que seja esta a verdadeira interpretação da passagem, especialmente em vista do uso da frase um semelhante ao Filho do homem no vers. 14 (cfr. Ap 1.13). Contudo, parece estranho que Cristo fosse orientado por um anjo para levar a efeito a sua obra salvadora. À sua descrição, também, falta o resplendor das visões do Senhor em Ap 1.12 e Ap 19.11. Parece melhor, por conseguinte, considerar a forma parecida a homem como um anjo, compartilhando algo da glória de Cristo como o "anjo forte" de Ap 10.1. A colheita do trigo e das uvas então representa um ato todo-inclusivo de juízo, como em Jl 3.13, em que se baseiam estas duas visões, Para a colheita da terra por instrumentalidade angélica, comparar Mt 13.41-42.

5. O QUINTO ANJO (Ap 14.17) -Observa-se que o anjo que tem a foice aguda saiu do templo, assim como o fez o quarto anjo.

6. O SEXTO ANJO (Ap 14.18-20) -Este anjo que autoriza o vindimador a colher as uvas da vinha da terra saiu do altar e chama-se aquele que tem poder sobre o fogo, Isto se relaciona com Ap 6.9-11; Ap 8.1-5; Ap 9.13; Ap 16.7, e exemplifica mais uma vez a conexão entre o sacrifício dos santos de Deus e o advento do reino. O simbolismo do juízo messiânico (19-20), como o pisar do lagar, remonta a Is 63.3. A cidade fora da qual o pisar do lagar ocorre é presumivelmente a cidade universal, "A grande Babilônia" (ver Ap 11.8; Ap 18.2).

Comentário de Apocalipse 15

Diz-se que as taças iniciam "pragas", que são as últimas, porque nelas é consumada a ira de Deus (1). Isto se relaciona, muitas vezes, com o fato que nenhuma descrição foi dada da sétima trombeta, ainda que trouxe o fim (Ap 11.15); então, sugere-se que o conteúdo das taças consiste de eventos que se seguem ao soar da última trombeta. Isto é possível. Deve-se notar, contudo, que o conteúdo das sete taças é muito semelhante ao das sete trombetas; na maioria dos casos, a diferença parece estar na amplificação das pragas anteriores, nas sete trombetas. A segunda e terceira taças, por exemplo, parecem simplesmente revelar que têm aumentado em extensão as pragas da segunda e terceira trombetas. A quarta trombeta afeta o sol, de uma certa maneira, a quarta taça, em uma outra (Ap 8.12; Ap 16.8). A quinta e a sexta trombetas têm uma correspondência extraordinária com a quinta e a sexta taças (Ap 9.1-21; Ap 16.10-16). O terremoto, depois da sétima trombeta, parece ser o mesmo que se segue à sétima taça, somente que se descreve em mais detalhe (Ap 11.19; Ap 16.17). Desta maneira, as taças dão uma mais plena revelação do que já, se tinha revelado sob os juízos das trombetas, junto com certas novas características. Quanto aos vitoriosos junto ao mar de vidro (2), o seu cântico celebra a iminente conversão das nações que se segue à consumação dos "atos de justiça" de Deus (4); a visão, portanto, exulta nos efeitos das últimas pragas antes de anunciar a sua vinda; isto é proléptico e serve para sublinhar a afirmação do vers. 1, "nelas se cumpre a ira de Deus".

Este capítulo consiste em duas visões separadas, aquela, retratando os confessores cristãos que emergiram triunfantemente da grande tribulação (2-4); esta, relatando o aparecimento, no templo celestial, de sete anjos trazendo as sete taças de pragas (5-8), O vers. 1 serve como título aos capítulos 15-16. Supre um equivalente pictórico da. declaração profética mais formal, "A visão (ou peso) das últimas pragas". Os juízos são os últimos, em que eles culminam o que precedeu e incluem os últimos golpes contra a impiedade da geração inspirada pelo diabo.

1. A PRIMEIRA VISÃO (Ap 15.2-4) -O mar de vidro é misturado com fogo, por causa do juízo iminente. Os confessores têm desafiado a besta, recusando-se a adorar a sua imagem e abjurando a marca que é o número do seu nome (2). O cântico de Moisés... e o cântico do Cordeiro são um, recordando o cântico triunfante dos israelitas nas

praias do Mar Vermelho (Êx 15). O nome de Moisés é ligado com o de Cristo porque um livramento semelhante, ainda que muito maior, tem sido conseguido de um inimigo semelhante, se bem que muito maior. É comum nos profetas a comparação de redenção final com o êxodo (cfr. Is 51.9-11). Cada linha do cântico é reminescente dos profetas e salmistas: Grandes e maravilhosas são as tuas obras (cfr. Sl 111.2; Sl 98.1; Sl 139.14); justos e verdadeiros são os teus caminhos (cfr. Sl 145.17; Dt 32.4); Rei dos Santos (das nações ARA). Quem te não temerá...? (3-4; cfr. Jr 10.7); todas as nações virão (4; cfr. Sl 86.9); os teus atos de justiça se fizeram manifestos (cfr. Is 26.9; Sl 98.2). A aproximação e o culto das nações parecem antecipar a sua conversão no milênio.

2. A SEGUNDA VISÃO (Ap 16.5-8) -O tabernáculo se chamava "a tenda do testemunho" (Nm 9.15), desde que a arca, contendo as tábuas da aliança, nele se guardavam. Uma vez que a arca mais tarde ficava no templo, o próprio templo às vezes se chamava o tabernáculo (Sl 84.1-2; Ez 41.1). Aqui, por conseguinte, a segunda cláusula deve ser traduzida "o templo, a saber, o tabernáculo do testemunho no céu, foi aberto". Ressalta que os juízos que estão para se executar são a expressão da justiça de Deus. Uma versão diz que os anjos estavam "vestidos de pedras preciosas, puras e resplandecentes", em vez de linho puro e resplandecente, como na Almeida. Porém as palavras gregas para "pedras" (lithon) e "linho" (linon) são muito semelhantes, de maneira que é difícil dizer qual é certa. Ver, contudo, Ez 28.13. As taças de ouro, como os recipientes da ira de Deus, podem ter sido sugeridas pelo freqüente uso, no Velho Testamento, de "cálices", para denotar a medida de Deus de juízo sobre os pecadores (cfr. Ap 14.9-10) . O templo encheu-se com o fumo da glória de Deus (8). Para semelhantes ocasiões deste fenômeno no Velho Testamento, ver Êx 40.35; 2Cr 7.2-3; Is 6.4; Ez 10.4; Ez 44.4.

Comentário de Apocalipse 16

1. A PRIMEIRA TAÇA (Ap 16.2) -A praga da primeira taça não tem contraparte naquelas das trombetas, porém, como muitas destas últimas, ela recorda as pragas do Egito (cfr. Êx 9.10-11),

2. A SEGUNDA TAÇA (Ap 16.3) -Cfr. a primeira praga egípcia (cfr. Êx 7.17 e segs.). Onde a segunda trombeta afetou uma terça parte do mar (Ap 8.8), esta se estende através de todos os mares.

3. A TERCEIRA TAÇA (Ap 16.4-7) -A mesma praga egípcia está em mente. Cfr. a terceira trombeta (Ap 8.10-11). Estar embriagado com sangue, no Velho Testamento, significa morte pela espada; cfr. Is 49.26. O altar concorre neste juízo; cfr. Ap 6.10 e Ap 14.15-18.

4. A QUARTA TAÇA (Ap 16.8-9) -A quarta taça fica em contraste à quarta trombeta (Ap 8.12), mas ver vers. 10-11.

5. A QUINTA TAÇA (Ap 16.10-11) -A quinta taça manda trevas ao império do anticristo; cfr. Êx 10.21 e as trevas sobre a terça parte da terra, depois da quarta trombeta, Charles sugere que a dor excessiva desta praga deve-se aos gafanhotos demoníacos da quinta trombeta, cujo aparecimento, coincidindo com a fumaça do abismo, escureceu os céus. É que causou tormentos aos aderentes da besta (Ap 9.1-6); tal interpretação estaria de acordo com a relação das trombetas e as taças esboçada na introdução aos capítulos 15-16.

6. A SEXTA TAÇA (Ap 16.12-16) -A sexta trombeta também afeta ao Eufrates (cfr. Ap 9.13 e segs.), uma cousa que mal pode ser coincidente. Mas, enquanto a sexta trombeta traz para fora as hostes demoníacas, a sexta taça prepara para a invasão do império pelos reis do oriente (12; "do lado do nascimento do sol"). Estes últimas se descrevem mais pormenorizadamente em Ap 17.12-13; eles se põem à disposição do anticristo (Ap 17.17), saqueiam a cidade meretriz e guerreiam contra o Cordeiro (Ap 17.14). Cfr. o vers. 15 com Ap 3.3. Se esta é a posição original deste versículo, a advertência não está sem finalidade (cfr. Mt 24.43; 1Ts 5.2,4). Há sete bem-

aventuranças neste livro: Cfr. Ap 1.3; Ap 14.13; Ap 19.9; Ap 20.6; Ap 22.7,14. A significação de Armagedom (16) se desconhece. A tradução costumeira "Monte de Megido" mal pode estar certa, pois não há nenhum monte em Megido. Derivações conjecturais do hebraico (tal como har migdo, "o seu monte frutífero", isto é, Jerusalém) mal fazem sentido, uma vez que não sabiam o hebraico os leitores de João. É possível que nem João nem os seus amigas tenham tentado qualquer explanação do nome; foi usado, não tanto para designar um lugar, como uma ocasião, a saber, a última bem conhecida rebelião dos maus, que resulta no estabelecimento do reino de Deus.

7. A SÉTIMA TAÇA (Ap 16.17-21) -A sétima taça é despejada no ar (17), dando a noção de algo até mesmo mais portentoso do que o dano feito na "terra" (2) ou "mar" (3) ou "águas" (4) ou "sol" (8); ela significa o golpe final contra as forças do mal, tanto humanas como satânicas (Ef 2.2). Daí a voz (de Deus?) proclama: Está feito (17), Cf r. "Está consumado" (Jo 19.30) e ver Ap 21.6. Nos vers. 18-19 dá-se, afinal, o significado dos relâmpagos, etc., que seguiram à sétima trombeta (Ap 11.19) e ao sétimo selo (Ap 8.5); eles conseguem a destruição da civilização anticristã. Através do terremoto (cfr. Ap 6.12), a grande cidade foi dividida em três partes. Dá-se no vers. 20 a descrição hiperbólica da magnitude do terremoto. O tamanho das pedras de saraiva (21) condizem com as proporções espantosas desta última sacudidura dos céus e da terra (Ag 2.21); um talento pesa cerca de 45 quilos. Os egípcios sobreviveram a uma praga de grandes pedriscos (Êx 9.24), uma aliança, de exércitos perseguida por Josué foi desbaratada por eles em Bete-Horom (Js 10.11), enquanto as hostes de Gogue deveriam aguardar uma sorte semelhante (Ez 38.22); este evento eclipsa todas as tais descrições. Ele subjuga os homens, porém não os conduz ao arrependimento. Os últimos resultados destes acontecimentos são dados em maiores detalhes em capítulos

Comentário de Apocalipse 17

Estes três capítulos expandem as visões da sexta e sétima taças (Ap 16.12-21), Ap 17.1-19.10 tem que ver principalmente com a sorte do império (isto é, a sétima taça). O cap. 17 explica a situação que dá na destruição dos inimigos de Deus, com especial referência ao reino anticristão (18) e, ao mesmo tempo, lança luz sobre certas obscuridades no cap. 13.

As palavras do anjo a João poderiam formar um título adequado dos caps. 17 e 18: A condenação da grande prostituta que está assentada, sobre muitas águas. Como o cap. 17 descreve as circunstâncias da sua queda, a promessa na título não é realmente cumprida até o cap. 18. A cidade de Tiro é chamada meretriz, por Isaías (Is 23.16-17), como também é Nínive por Naum (Ap 3.4), enquanto a última parte do vers. 2 cita a descrição, por Jeremias, de Babilônia (Jr 51.7), assim como esta cidade foi chamada pelo profeta como "tu que habitas sobre muitas águas" (Jr 51.13). Do vers. 9 é claro que Roma está na mente de João. Nesta descrição, portanto, como na figura apocalíptica do vers. 3, ele ensina que este império inclui em si a maldade de todos os seus predecessores. A besta, que representa o império, retrata-se semelhantemente como o dragão (cfr. Ap 12.3), mostrando com isso a sua afinidade com ele. O símbolo de uma mulher assentada sobre uma besta cor de escarlate (3) originalmente denotava uma unidade, a besta sendo a representação anterior, e a mulher a posterior, de um e o mesmo monstro caótico. Para João, contudo, forma um retrato adequado para ilustrar a relação entre a cidade capital e o Império. À primeira vista, parece estranho que no vers. 1 a prostituta assenta-se sobre muitas águas, enquanto que no vers. 3 ela habita num deserto. A explanação pode ser que João está recordando a profecia de Isaías contra Babilônia, o título de que é "Sentença contra o deserto do mar" (Is 21.1); é digno de nota que os LXX omitem as últimas três palavras. A luxúria e a imundícia moral da cidade aqui se revelam vividamente, de novo com o auxílio da caracterização, de Jeremias, de Babilônia. A exibição do nome na testa da prostituta (5) provavelmente alude ao

costume das meretrizes romanas que, semelhantemente, expunham seus nomes nas suas testas. O prefixo MISTÉRIO podia ser uma parte da inscrição; mas é mais provável que indique que o nome não devia ser tomado literalmente (cfr. Ap 11.8, "a grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito"). Moffatt traduz "por meio de símbolo". O título serve para caracterizar cidade tirana como sendo da mesma natureza como aquela contra a qual os antigos profetas profetizavam tão veementemente; é a MÃE DAS MERETRIZES (ou devassidões, Vulg. e Primasius) E DAS ABOMINAÇÕES (isto é, IDOLATRIAS) DA TERRA (5). Roma causou a ruína moral de todo o Império. A alusão no vers. 6 inclui não somente a perseguição Nerônica, como também o costume geral de levar para Roma todos os mártires para morrerem no anfiteatro.

A interpretação desta seção se torna difícil pela flutuação no simbolismo. Nos vers. 10 e 11, diz-se encarnar a besta num rei que uma vez viveu e que reaparece como o último imperador de uma sucessão ímpia; isto é, ele é um indivíduo. Contudo, é claro que os vers. 1-6 falam de uma cidade e de um império, não de um indivíduo ou até mesmo uma linha de soberanos (imperadores são apenas cabeças, não a besta toda). Com isto concordam os vers. 9 e 10, os sete montes denotando a cidade de Roma, a sede do império anticristão. Uma vez que é tradicional o uso da besta com sete cabeças e dez chifres para representar a potência universal sem Deus e perseguidora, é quase certo que João se serve de fontes anteriores em vez de compor algo inteiramente original (cfr. o cap. 12); isto pode explicar algo da ambiguidade. A maioria dos expositores interpretam o vers. 8 com o auxílio do vers. 11, e consideram que a passagem toda descreve um anticristo individual; a expressão era, e já não é, mas que virá no vers. 8, sente-se ser inteiramente explicável pelo mito do Nero ressuscitado, cujo retorno dos mortos para lutar contra Roma era largamente esperado quando este livro estava sendo escrito. Com esta expectação os vers. 16 e 17 concordam admiravelmente.

Há, contudo, uma outra possível linha de interpretação. Admite-se unanimemente que os vers. 1-6 retratam um império, não um indivíduo. Se João utilizou algum escrito anterior em compilar os vers. 7-18, essa fonte também se referia à besta como o império. Por isso não é improvável que o profeta cristão tivesse particularmente em vista, o império. Se assim é, o vers. 8a deve-se explicar principalmente, não de Nero ressurreto, mas do império. De tais Escrituras, como Is 27.1; Is 30.7; Is 51.9-10, é claro que os profetas do Velho Testamento aplicavam propositadamente o símbolo do "monstro caótico" às nações hostis a Israel, especialmente ao Egito, mas não somente àquela potência. Deus havia conquistado aquele monstro no princípio. Jaz dormente por enquanto (cfr. Is 30.7) mas está, para se levantar de novo. A tal tempo, Deus o destruiria de uma vez para sempre. "A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição" (comp. Is 27.1) assim descreve este monstro, esboçando a sua história. Uma solução razoável parece ser que João aqui fundiu dois símbolos para dar a sua mensagem, o do monstro caótico e o de Nero Redivivus. A besta é o poder do mal, manifestando-se através da história nos impérios sem Deus, mas agora no Império Romano. Até agora, tem jazido mais ou menos dormente; em breve se levantará da sua inatividade e revelar-se-á num furor de impiedade, encarnando-se no Nero ressurreto. Com esta chave à passagem em mente, podemos atender aos seus detalhes. A explanação dada pelo anjo (7) é uma continuação direta da visão anterior; diz quem a mulher e a besta representam. É de esperar, portanto, que a interpretação envolverá mais de que um membro da besta. A besta foi, e já não é (8); isto é, tinha antes uma existência como uma potência má e ímpia, mas que tem sido silenciada. Isaías chama o Egito de "Gabarola que nada faz" (Is 30.7), isto é, o monstro caótico, feito inútil por Deus. A Roma é dado aqui um nome semelhante, ela foi, e já não é, mas que há de vir, isto é, brevemente está para subir do abismo e fará uma obra de horror como os faraós, os reis assírios e Antioco Epifânio de outrora. Contudo, irá para a perdição-o monstro caótico não pode triunfar sobre Deus, nem o pode Roma. Como o vers. 11 refere isto a Nero, que está para voltar à terra, podemos compreender que a plena posse por parte de Roma das características do monstro caótico só poderá, ser quando ele se encarnar no Nero que há de vir. Este rei demoníaco compartilha tão plenamente da natureza do poder do mal, que as suas histórias podem ser delineadas nos mesmos termos. Ele é a besta encarnada. Uma manifestação tão espantosa de poder sobrenatural faz que toda a terra se admire, salvo aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Dá-se

uma dupla interpretação das sete cabeças a fim de identificar a besta além de qualquer dúvida. Roma era familiarmente conhecida como "a cidade sobre sete montes". A besta se localiza desta forma em Roma. Mas as cabeças representam reis. Qualquer que tenha sido o significado do número "sete" aos antigos escritores, para João era símbolo de inteireza; cinco já caíram (10) significa que a maioria já passou; o "um existe" refere-se ao soberano contemporâneo; outro imperador reinará, mas quando vier, convém que dure um pouco de tempo (10); a curta duração do seu reino se reforça pela consideração que "o tempo está próximo" (Ap 1.3).

Depois do último imperador humano, a besta revelar-se-á em toda a sua bestialidade. A besta que viste foi e já não é (8), é o poder perene do mal; manifestar-seá como o oitavo rei, se bem que na realidade não o oitavo, pois ele manifestar-se-á, na forma de um dos sete, isto é, Nero. No contexto dos vers. 9 e 10 parece que a afirmação "a besta... também é ele o oitavo rei" (11) deve significar que o império inteiro, ou antes o mau gênio que caracteriza o império, se encarna no oitavo rei. A ênfase está no império na sua inteireza. Não deve ser interpretado como "A besta, Nero, é um oitavo rei, além de um dos sete"; a cláusula descritiva "era, e já não é" denota o império monstro caótico em primeiro lugar, e Nero só secundariamente. Quando, contudo, se diz que a besta "subirá ao abismo", a ênfase está na pessoa que é a sua encarnação.

Os dez reis aliados ao anticristo (12) podem ser governantes de estados satélites ou governadores de províncias. Bousset sugere, com menos probabilidade, que eles podem ser poderes demoníacos de uma natureza semelhante ao seu líder. Reconta-se imediatamente o destino final dos dez reis a fim de completar a sua descrição (14). Logicamente este versículo devia seguir 17 depois da narração da sua parte na destruição do império. Alguns comentadores, por conseguinte, o transferem para esse lugar. Mas apocaliptistas nem sempre seguem uma seqüência estritamente lógica. Este versículo realmente antecipa Ap 19.19 e segs.; se de um ponto de vista é supérfluo nesta visão, de outro a sua posição aqui é plenamente inteligível. O seu significado é, ou que eles, que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis (14), compartilham desta conquista do anticristo e dos seus auxiliares, ou que eles, tão bem como o Cordeiro, triunfarão sobre o anticristo na sua vida moral (cfr. Ap 12.11).

Enquanto as águas de Babilônia foram literalmente em vista na profecia de Jeremias (ver nota no vers. 1), o profeta as considera como apropriadamente simbolizando os povos sobre os quais reinava Roma (15). O anticristo, com os seus aliados, ajudará na destruição de Roma, que, de outra forma, se faz pelo grande terremoto (Ap 16.19). Ambos os meios de destruição são devidos à providência ativa de Deus. A linguagem do vers. 16 é tirada da descrição de Ezequiel do castigo de Israel (Ez 23.25-29). Não se dá nenhuma explanação porque o imperador anticristão se vira contra a cidade anticristã. A história popular de Nero esperava que ele se erguesse somente para esmagar o império; contudo, este capítulo todo, e Ap 8.5, dá explicitamente por admitido que ele primeiro reinará sobre o império e, com o auxílio deste, se enfurecerá contra as obras de Deus durante três anos e meio. Este procedimento bem ilustra o método de João de livremente adaptar as suas fontes a fim de entregar a mensagem que Deus lhe tem dado para a instrução dos seus santos. A mulher é Roma (18), a meretriz do mundo de então.

Comentário de Apocalipse 18

Este capítulo modela-se nos cânticos de vitória dos profetas do Velho Testamento sobre as nações hostis dos seus tempos. Tão rememorativo destes é ele, que se pode dizer que sumaria todos os oráculos proféticos sobre a destruição dos povos injustos. As profecias contra Babilônia (Is 13; 21; 47; Jr 1; 51) e Tiro (Ez 26-27) parecem ter estado especialmente na mente de João. Descreve-se a glória deste anjo (1) em palavras empregadas por Ezequiel

na descrição da chequiná (glória de Deus) que voltava para o templo restabelecido (Ez 43.2). Para semelhantes quadros de resplendor angélico, cfr. Ap 10.1 e Ap 14.14. Caiu, caiu a grande Babilônia (2) é uma citação de Is 21.9. Para o resto do versículo, cfr. Is 13.21-22. Estritamente falando, este quadro é incompatível com Ap 19.3; não é impossível que João misture propositadamente o seu simbolismo, esperando que os seus leitores exercitem cautela na interpretação. Comparar ambos os vers. com Is 13.19-22. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição; isto atribui a Roma a responsabilidade pela corrupção de toda a terra. Cfr. o vers. 4 com Jr 51.6,45; Is 52.11; também o vers. 5 com Jr 51.9; e o vers. 6 com Jr 16.18; Jr 51.29; Is 40.2. Dirige-se o clamor do vers. 6 aos exércitos vingadores do anticristo e os seus aliados? Ver Ap 17.12-13,16-17. O juízo de Roma deverá ser em proporção à sua autoglorificação, devassidão e orgulho; cfr. Is 47.7-9. É possível que no vers. 8 como em Ap 6.8, thanatos deva ser traduzida "pestilência", em vez de morte. Podemos também traduzir penthos por "calamidade", em vez de pranto, assim fazendo as três pragas "pestilência e calamidade e fome". A destruição pelo fogo faz-se pelas hostes invasoras sob o anticristo; cfr. Ap 17.16.

A lamentação sobre Babilônia faz-se pelos reis da terra (9-10), os mercadores da terra (11-17a) e os proprietários de navios e marinheiros (17b-19). João aqui endivida-se particularmente ao cântico de destruição de Ezequiel sobre Tiro (Ez 26-27). Note-se que os reis da terra (9) são aqueles mencionados em Ap 17.18, não aqueles em aliança com a besta (Ap 17.16-17). Cfr. Ez 26.16-17. A substância de cada lamentação é a mesma, a saber, pois numa hora veio o seu juízo (10; ver vers. 17,19).

Com o vers. 11 cfr. a lista das nações mercantes que negociavam com Tiro (Ez 27.12-24) e o seu pavor e medo (Ez 27.35-36). Vers. 12-13 fornecem uma relação das mercadorias vendidas pelos mercadores a Roma. Cfr. as importações de Tiro (Ez 27.12-24). Madeira odorífera, vinha da África setentrional e era especialmente usada na fabricação de mesas dispendiosas. Marfim era popular entre os romanos tanto para adorno para móveis como para ornamentos. Cinamomo é uma especiaria aromática, "amomo" era uma planta fragrante da Índia, usada na fabricação de caro unguento para os cabelos. Carros aqui são de um gênero especial (gr. rhedai), tendo quatro rodas e muitas vezes custosamente decorados. Duas palavras são usadas aqui para escravos: sõmata, "corpos", e psychai anthrõpõn, "algumas de homens", esta última frase ocorrendo em Ez 27.13. Talvez João tenha empregado ambos os termos para exprimir a sua repugnância ante um sistema tão brutal, que esmagava tanto os corpos como as almas dos homens. Swete observa que, enquanto os reis lamentam sobre Babilônia pela força que lhe partira (10), os mercadores se preocupam principalmente com a riqueza que esvanecera; assim também os marinheiros, no vers. 19.

O apelo aos céus e à Igreja para regozijar-se sobre o juízo de Babilônia (20), formando um forte contraste à lamentação anterior, parece proceder do mesmo profeta. Se deverá ser assim ou não, Ap 19.1-7 forma uma resposta adequada ao clamor. A ação simbólica do anjo (21-24) sugere-se por uma semelhante feita sobre Babilônia por Jeremias (Jr 51.63-64). Mousikõn, traduzida músicos (22), deve ser traduzida "cantores" como em Test. Judá 23.2. A sentença relembra Ez 26.13. As cláusulas que se seguem, descrevendo a cessação de artes, indústria, as alegrias do matrimônio e todos os meios de iluminação, reproduzem Jr 25.10, porém, numa ordem diferente. Os teus mercadores eram os grandes da terra (23) foi primeiro dito por Isaías com relação a Tiro (Is 23.8). Aduze-se como uma razão pelo juízo de Roma porque, julgando do vers. 3, os seus mercadores promulgaram a "devassidão" da cidade, e isso de pura ambição, e desta maneira eles mesmos se ligavam com o vício luxurioso de Roma. Isaías já havia comentado as feitiçarias da original Babilônia (Is 47.12), e Naum trouxe uma acusação semelhante contra Nínive, (Na 3.4) . As feitiçarias (23), contra as quais se invectiva, podem ser tomadas no sentido literal de magia negra, porém mais provavelmente "a feitiçaria de vício alegre e luxurioso e as suas idolatrias concomitantes, pela qual o mundo era fascinado e desviado" ("Swete").

Cfr. o vers. 24 com Mt 23.35, onde o nosso Senhor acusa Jerusalém da mesma maneira. A afirmação de João se

justifica não somente pelas perseguições ferozes que ele antecipava se ergueriam na grande tribulação, mas também pelo seu conceito de Roma como a encarnação do espírito do mal, que tem assaltado ao povo de Deus (ver notas sobre Ap 17.7-18).

Uma principal pergunta pede a consideração da leitura dos cap. 13, 17 e 18. Se Roma é o Império das visões de João, não são eles desacreditados, vendo que Roma subsequentemente não foi destruída, mas se tornou um centro universal do Cristianismo? Não há, contudo, nenhuma dúvida de que Roma fosse, na realidade, a cidade meretriz das visões de João. O profeta faz tudo senão nomeá-la em Ap 17.9,18
e pelo seu uso do nome místico Babilônia (ver 14.8 n.). Roma era, para João, o requinte do espírito ímpio manifesto nas eras mais antigas, porém, agora, em seu auge. Como tal, era o último Império sobre o qual o diabo dominaria. O aparecimento impendente de um anticristo pessoal, que encarnaria a sua maldade, seria um fenômeno de curta existência. João parece sugerir que cairiam brevemente os juízos messiânicos e o domínio de Roma cederia lugar ao reino milenário. Antes de passar juízo nesta matéria, torna-se necessário recordar que o ponto de vista de João em nada difere do parecer de seus predecessores no ofício profético. Todos os profetas aguardavam derrota da nação opressora do seu dia, seguida pelo estabelecimento do reino de Deus. Isaías esperava que o livramento messiânico se seguisse ao juízo de Deus sobre a Assíria (ver Is 10-11), Habacuque, na destruição de Babilônia (Hb 2.2-3), Jeremias, Isaías e Ezequiel, todos profetizavam o estabelecimento do reino depois do retorno dos judeus, sob Ciro (Jr 29-31; Is 49; 51; Ez 26). Ageu, escrevendo depois daquele retorno, predisse o advento do reino após o término do templo, que estava então no curso de reconstrução (Ag 2), enquanto toda a visão de Daniel colocou o término depois da derrota de Antíoco Epifânio. Semelhantemente no Novo Testamento, a segunda vinda de Cristo parece ser esperada no futuro não muito remoto (Rm 13.11-12; 1Co 7.29-30; Hb 10.37; Tg 5.8; 1Pe 4.7; 1Jo 2.18; Ap 1.3). Até mesmo o nosso Senhor coloca o seu ensino, com respeito ao segundo advento, lado a lado com as suas profecias concernentes à queda de Jerusalém (ver Mc 13).

Não era João exceção a esta regra. Foram-lhe dadas revelações da consumação da era. Elas não foram novas; estavam de acordo com a fé do resto da Igreja, ainda que formassem um avanço nela. Toda a Igreja esperava uma última rebelião sob um anticristo como o precursor do fim, e não tinha nenhuma dúvida quanto à conseqüência do conflito. Viu João que Roma já estava apresentando o papel de anticristo. Como a conseqüência destas tendências era precisamente a de que falavam os profetas anteriores, ele aplicava as suas visões à situação. Roma era a cidade meretriz, um imperador demoníaco seria o anticristo pessoal, e o sacerdócio do culto do imperador supriria o falso profeta. Estava preparado o palco para o fim e João descrevia o drama. Que o fim não chegou então, não invalida a essência da sua profecia, não mais do que os outros profetas de que temos falado. Os muitos anticristos desde o dia de João têm-se aproximado mais e mais do retrato dele e culminarão em um que calhará perfeitamente. O que dizer do retrato que João fez do próprio anticristo? Muitos expositores entendem em um sentido literal a sua aparente reprodução da legenda de Nero. Deve-se notar, contudo, que João não tem empregado esta ideia isoladamente, mas tem-na fundido com a saga Tiamat. Esta última é usada em um sentido puramente alegórico, como é aparente pelo fato de o monstro representar o diabo, o Império e o anticristo pessoal, cada um por seu turno. Que João desse o mínimo crédito ao mito original da morte de Tiamat por Marduk é fora de questão, se bem que, com toda a certeza, ele seria sabedor do caso. Sua habilidade em transformar histórias populares, como um meio para proclamar o evangelho, vê-se na aplicação do mito do Redentor universal no cap. 12. De uma maneira semelhante, ele se serviu da legenda do retorno de Nero dos mortos como um excelente retrato do anticristo, porém sem nenhum intento de declarar a sua crença nela; ele simplesmente diz que o anticristo será um agente diabólico de uma ordem semelhante ao Nero da corrente expectação.

Uma consideração que prova este ponto, para o presente escritor, pelo menos, é o conhecimento de João de uma profecia muito anterior, a respeito de alguém voltando dos mortos para tomar parte ativa no tempo do fim: Malaquias havia dito que Elias viria antes do dia do Senhor (Ml 4.5). João deve ter sabido como o nosso Senhor

aplicou esta profecia a João Batista; ele mesmo colocou-a em uso ainda mais largo aplicando-a à Igreja (Ap 11). Era, por conseguinte, tanto simples como natural para ele representar o anticristo como trabalhado "no espírito e poder de Nero" (cfr. Lc 1.17) por empregar a história de "Nero Redivivus" sem mais explanação; em vista do ensino acerca de "Elias Redivivus", não era necessária mais explanação.

Comentário de Apocalipse 19

Os hinos de louvor que trovejavam do céu se inspiram pela manifesta justiça de Deus na destruição do império anticristão, mas eles podem incidentalmente formar também uma resposta ao clamor exultante do profeta em Ap 18.20. Isto encontra confirmação se considerarmos a primeira ação de graças como vinda da hoste angélica (cfr. Ap 5.11-12); o amém responsivo; Aleluia (4) dá-se então pelos vinte e quatro anciãos e os quatro querubins, seguindo-se o ressoar dos louvores da Igreja (6-7); isto corresponde à seqüência no apelo de João para o regozijo da parte do "céu, e vós santos apóstolos e profetas" (Ap 18.20). É um fenômeno constante deste livro contrapor a revelação dos justos juízos de Deus sobre os maus ao culto do céu e da humanidade redimida, sendo o tema de tal culto geralmente os juízos a que se refere: ver Ap 7.9 depois dos selos; Ap 11.15 depois das trombetas; Ap 14.1 depois do assolamento do anticristo; Ap 15.2 em antecipação das taças. A afirmação que Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao nosso Deus (1), vindo neste ponto, sugere que Deus tem manifestado estes atributos. O cântico, portanto, expande Ap 7.10 e tem um sentido semelhante ao Ap 12.10. Verdadeiros e justos são os seus juízos (2) foi dito junto ao altar depois de derramada a terceira taça (Ap 16.7); cfr. também Ap 15.3. Os dois grandes crimes da civilização prostituta eram a sua corrupção da terra e a morte dos cristãos.

Se se considerarem o novo céu e a nova terra de Ap 21.1 como uma criação completamente nova, a expressão para todo o sempre (3) tem que ser aqui limitada aos mil anos do milênio; as cinzas da cidade arruinada presumivelmente desaparecem com a velha terra. O emprego desta, e de frases semelhantes na literatura bíblica é muitas vezes muito frouxo (cfr. especialmente os Salmos), mas, em tais passagens, como Ap 4.9; Ap 5.13; Ap 11.15; Ap 22.5, ela significa claramente a eternidade, presumivelmente tem este significado em Ap 14.11. Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes endossam a ação de graças da hoste angélica (4; cfr. Ap 5.14). Uma voz que saiu do trono pede à Igreja que se una a este serviço de ação de graças (5).

Como os quatro seres viventes estão mais perto do trono, é provável ser um deles que clama, certamente não Cristo, que nunca diria louvai o nosso Deus (cfr. Ap 3.12). A descrição daqueles que são invocados como vós, os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes (5) exclui a possibilidade que está em vista somente um seleto corpo da Igreja, tal como os mártires. A "esposa do Cordeiro" é a Igreja toda, não uma seção dela. A primeira linha da ação de graças da Igreja deve ser traduzida "Aleluia: porque o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, tem começado a reinar" (6; cfr. Ap 11.17). O símbolo de casamento, aplicado a Cristo e à Igreja, exprime a união íntima e indissolúvel de Cristo e o seu povo redimido. Diz-se que as bodas são vindas (7) a esta altura, no mesmo sentido em que se dizia ter caído Babilônia, em Ap 14.8; isto é, está no ponto de se cumprir. A Igreja está preparada. Tão logo a besta e os seus exércitos sejam mortos, as "bodas" tomarão lugar, e a noiva começará a sua vida consumada na nova era (Ap 20.4; Ap 21.9). Para o símbolo da Igreja como a noiva de Cristo, cfr. Mt 22.2; Mt 25.1; 2Co 11.2; Ef 5.23. Observe-se no vers. 8, que é provavelmente um comentário de João, em vez de uma parte do cântico, o balanço delicado entre a graça de Deus e a resposta humana; "foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente"; isto é, o vestido vem de Deus; mas o linho fino são os atos de justiça dos santos. Cfr.

Fp 2.12-13. Para as várias tonalidades de sentido sugeridas pelo simbolismo do vestido dos santos, cfr. Ap 3.5; Ap 6.11 n.

Aqueles que são chamados (9), é-lhes atribuída a aceitação do convite, não como aqueles mencionados em Mt 22.14. Os convivas e a noiva são um só; cfr. Ap 22.9-10 onde a noiva também é a cidade santa. A declaração do anjo-Estas são as verdadeiras palavras de Deus -pode-se relacionar particularmente com as visões de Ap 17.1 até este ponto, inclusive a certeza da vinda da ceia das bodas do Cordeiro, a que agora mesmo se fez alusão. Cfr. Ap 21.6, que inclui o livro todo. O anjo recusa o culto de João por enumerar-se a si mesmo com o resto dos servos de Deus (10), Ver nota sobre Ap 22.8-9. Tanto as hostes angélicas como a Igreja seguram bem o testemunho de (dado por) Jesus. Esse testemunho inclui tanto o testemunho histórico do Senhor, preservado pelos Evangelhos, como o que ele continua a dar pelo seu Espírito, tais como as revelações deste livro. A cláusula explanatória que se segue significa, ou que o ensino de Cristo, tornado conhecido no passado e no presente, é o espírito ou essência (Moff. "fôlego") de profecia, ou que o Espírito Santo, que inspira a profecia, interpreta ao profeta o testemunho de Cristo, tanto o revelado como o não revelado. Aquela interpretação parece dar-se melhor com o contexto; esta concorda com Jo 15.26-27.

O nome Fiel e Verdadeiro (11) recorda Ap 3.14. O resto do versículo parece ter em vista Is 11.3-5. Cristo tem muitos diademas (12) porque Ele é REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES (16); cfr. 1Macabeus 11.13. O seu nome desconhecido (12) faz lembrar o nome secreto que Ele dará aos Seus depois deste evento (Ap 2.17 e especialmente Ap 3.12). Em vista destas últimas duas referências, não é provável que todos os seres criados sejam excluídos de saber o Seu nome (como crê Swete). Bousset sugere que o fato do seu sigilismo pode ser ligado à, crença popular que poder se prende ao conhecimento de um nome. Se o nome de Cristo leva consigo poder sobre toda a criação, então, atualmente, Ele é o único dono desse poder, só Ele sabe do Seu nome; mas quando Ele tiver conquistado os Seus inimigos na Sua vinda, Ele compartilhará a Sua autoridade com os Seus fiéis e, portanto, também o Seu nome. O fundo deste, conceito é reconhecidamente não-cristão, como João plenamente reconheceria; mas o sentido espiritual que ele pretende dar por esta interpretação acha reconhecimento através do Novo Testamento. É possível, portanto, que este seja o sentido. A veste do Senhor salpicada de sangue tem por finalidade lembrar o leitor Is 63.1-6. Cristo é o vindimador celeste. Se a interpretação de Bousset de vers. 12 está correta, a identificação do Messias com a Palavra de Deus (13) não revela o segredo do nome desconhecido. A sua menção aqui alude, talvez, ao poder criador do Senhor, evocando para nós as associações do Velho Testamento da "Palavra" (cfr. também Sabedoria Ap 18.15).

Os exércitos no céu (14) certamente incluem companhias angélicas (cfr. Ap 12.7; Ap 14.14-20) e provavelmente santos ressurretos também (ver Ap 17.14 e nota sobre Ap 2.27), se bem que a conquista dos santos, que se refere em Ap 17.14, pode ser apenas a sua vitória espiritual sobre a besta. De qualquer maneira, a conquista é conseguida principalmente, não pelas hostes seguidoras, mas pelo Cordeiro (cfr. vers. 15,21). Em vista de Ap 15.4; Ap 20.3, que sugerem a existência de nações no início do milênio, parece que só aqueles povos hostis a Cristo estão em mente nos vers. 15 e 19-21. Para a linguagem figurada que se emprega, comparar Ap 1.16; Is 11.4; Sl 2.9; Is 63.1-6.

Swete pensa que o terceiro nome de Cristo (16) está "exposto na sua veste, onde cai sobre a coxa". Desde, contudo, que alguns manuscritos omitem a frase no seu vestido e enquanto outros omitem simplesmente e, é possível que estas palavras sejam uma nota marginal inserida para explicar o texto, e para mostrar coma o nome podia ser visto na coxa do Senhor. Charles elucida da seguinte maneira: "O Vidente vê na visão o guerreiro divino e os seus cavaleiros celestiais-não hesitando, mas precipitando-se para baixo desde os céus e para a frente contra os exércitos cerrados da besta, do falso profeta e dos reis da terra, e, como eles prosseguem, as suas vestes ondeiam após si, e assim na coxa do líder revela-se o nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores". O convite do anjo às aves de rapina (17) é tirado da visão de Ezequiel, da conquista de Gogue e Magogue (Ez 29.17-20). Deve ser observado,

contudo, que o real assalto de Gogue e Magogue não toma lugar até ao fim do milênio (Ap 20.7-9); isto concorda com a visão de Ezequiel que coloca o último ataque do mal depois do estabelecimento do reino messiânico. O retrato de uma festa para as aves de rapina, à alvorada do reino, pode ser uma alusão satírica à bem conhecida comparação do reino de Deus com um grande banquete; ver Is 25.6; Lc 14.15; Lc 22.30. Nenhuma descrição nos vers. 19-21 é dada da batalha, somente a disposição das hostes rivais. Não há evidentemente nenhuma luta verdadeira; o anticristo e o seu profeta são lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre (20), que arde com enxofre, e os seus exércitos mortos com a espada de Cristo (21). O lago de fogo, enquanto tendo finalmente um sentido semelhante à Geena (Vale de Hinom, ver Jr 7.31), é uma representação do inferno desenvolvida do conceito do abismo. Em 1Enoque 18.4 diz-se, "Eu vi lá algo semelhante a uma nuvem invisível; pois, em razão da sua profundidade, eu não podia ver além, e vi uma chama de fogo resplandecente... e eu perguntei a um dos santos anjos que estava comigo e lhe disse, "Que é esta coisa resplandecente? pois não é um céu, mas somente a chama de um fogo resplandecente, e a voz de choro e lágrimas e lamentação e de dor excruciante". E ele me disse, "Este lugar que tu vês, aqui são lançados os espíritos de pecadores e blasfemadores, e daqueles que obram a iniquidade". Se João usa símbolos tirados deste círculo de idéias, é claro que ele não pode significar o aniquilamento daqueles que se lançam no lago; cfr. também Ap 20.10. A destruição dos exércitos do anticristo pela espada que sai da boca de Cristo deve ser interpretada por Ap 14.14-20, isto é, totalmente judicial; cfr. Is 11.4. Conseqüentemente, tal interpretação, como a de Swete, que faz a matança ser o aniquilamento da inimizade contra Deus no homem (Ef 2.16), e a "espada" ser a palavra de Deus, que salva ao homem (cfr. Hb 4.12), de maneira que Armagedom é, na realidade, a conversão das nações, será mal recebida. O juízo aqui descrito parece acarretar a destruição física daqueles que são envolvidos, sendo seus espíritos presumivelmente despachados ao Hades.

Comentário de Apocalipse 20

Para o abismo cfr. Ap 9.1; Ap 11.7. Adumbra-se em Is 24.21-23 o conceito de amarrar espíritos e aprisioná-los. A ideia desempenhou uma grande parte na literatura judaica posterior: ver especialmente Tobit 8.3; 1Enoque 10.4,11,12; 88.1-3; Jubileus 23.29; Test Levi 18.12. Nestes livros não há nenhuma dúvida destas figuras serem usadas para denotar a restrição de alguém de certas atividades no mundo enquanto se deixa livre em outros respeitos; significa uma remoção completa em relação a uma prisão, geralmente nas profundezas do submundo. Vers. 7, por conseguinte, fala da soltura de Satanás no fim dos mil anos como uma libertação da sua prisão. A duração do reino terrestre de Deus por mil anos aparece em outro lugar só em 2 Enoque 33, um livro de data muito incerta. Lá, dá-se a história do mundo como compondo sete mil anos, os primeiros seis mil correspondendo aos seis dias da criação, o último mil formando um fac-símile do sábado. É possível que João tenha adotado a figura de mil anos para o reino de Deus na terra, antes para mostrar o seu caráter como o "repouso" de Deus para a humanidade do que como determinando a sua duração de tempo (cfr. 2Ts 1.7; Hb 4.1; At 3.19-21). É um dos muitos casos, nesta porção do livro, das "últimas" coisas sendo feitas como as "primeiras" (Ep. Barnabé 6.13).

Será observado que nenhuma descrição dá-se aqui das condições de vida no milênio, somente uma mera afirmação quanto à espécie de pessoas que nele exercem domínio. Provê-se em #Ap 21.9-22.5 uma caracterização da vida desta era. Os tronos (4) vistos por João recordam #Dn 7.9. Mas de quem se diz que assentaram-se sobre eles? A maioria dos exegetas os interpreta como a companhia que se nomeia imediatamente, a saber, as almas daqueles que foram degolados, assume-se então que as demais frases seguintes também denominam este corpo, de maneira que a alusão aos "que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas

testas nem em suas mãos" denota os mártires somente. Esta exposição está correta só em parte, pois já vimos que participação no reino é prometida a todo cristão que vence (ver Ap 2.26-28; Ap 3.12,21), enquanto os vers. 9-10 declaram que a Igreja toda há de reinar na terra, e Ap 19.7 se regozija que "vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa sua aprontou". É exegese curiosa que em Ap 19.5-9 faz da esposa do Cordeiro os mártires somente, mas em Ap 21.2 toda a Igreja. De maneira que parece melhor interpretar a cláusula Eu vi tronos, e assentaram-se sobre eles de "Cristo e seus assessores, os apóstolos" (Mt 19.28) "e os santos" (1Cr 6.3). A menção especial dos mártires, em vista do seu lugar neste livro, espera-se naturalmente (cfr. a sua posição em Ap 6.9-11; Ap 8.3-5; cfr. Ap 9.13; Ap 16.7) e é um pouquinho de encorajamento merecido. Desde que a afirmação e viveram (4) evidentemente significa "eles tornaram a viver", um termo figurativo para a ressurreição dos mortos, é provável que a expressão os que não adoraram a besta... também denota os mártires. Não é impossível, contudo, que esta última metade do versículo tenha em mente os vendedores que haviam escapado do martírio. assim como a frase "e viveram" inclua tanto a ressurreição dos mortos como a transformação dos santos vivos (cfr. 1Co 15.51-52). A primeira afirmação do vers. 5 mostra com toda a clareza desejada que a primeira ressurreição é uma ressurreição literal dos mortos, não um sinônimo para o novo nascimento, Um apocaliptista tem a liberdade para mudar as suas figuras livremente contanto que faça claro o seu sentido e nisto João tem bom êxito em grau notável. É um erro identificar o pensar apocalíptico com o caótico, como alguns escritores implicam; cada linha neste livro refuta tal noção. Reluta-se, portanto, em crer que o profeta poderia falar tão confusamente de dois conceitos da ressurreição tão diferentes sem qualquer indicação da sua mudança de referência. Desde que não tem poder a segunda morte (6) sobre os participantes. da primeira ressurreição, podemos inferir que finalmente eles têm sido perdoados e não aparecem no último juízo; cfr. Jo 5.24. Admite-se, contudo, que a inferência mencionada por último não seja de maneira nenhuma necessária. Que os cristãos serão sacerdotes, tão bem como reis no milênio, sugere que há, um mistério para, eles cumprirem naquela era entre os habitantes da terra, talvez com especial referência ao evangelismo.

Já foi indicado (na nota sobre Ap 19.17,19) que João não é inovador em colocar o assalto final do mal depois do estabelecimento do reino de Deus na terra. Em fazer isto, ele apenas segue fielmente a profecia, em Ezequiel, da invasão da Terra Santa por Gogue e Magogue, depois do começo do reino messiânico Ez 38,39. (Uma sequência semelhante de eventos dá-se nos oráculos Sibilinos (Livro III, 663-674), 2 Baruque 70.7 e o de Elias, do terceiro século; 2 Esdras 13.30-36 deve ser também comparado). A soltura de Satanás (7) está, de acordo com o comando de Deus; o abismo "se destranca" pelo anjo (cfr. vers. 1). Por este meio o profeta torna paralelo o divino oráculo a Gogue. "Hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti aos seus olhos, ó Gogue" Ez 38.16. Na profecia de Ezequiel, Magogue parece ser tanto a terra de que Gogue veio (Ez 38.2) como a nação (Ez 39.6); é, portanto, possível que Gogue seja visto como o líder e Magogue, o seu povo, com quem se associam os povos de Meseque e Tubal (Ez 38.2). Estas nações estavam provavelmente situadas em torno das partes a sueste do Mar Negro, uma área vaga e desconhecida no que diz respeito ao conhecimento dos . Outros aliados ao norte do Mar Negro são enumerados em Ez 38.6, mas Persas. Etíopes e Africanos do leste são mencionados em Ez 38.5, de maneira que João se sente justificado em usar os termos Gogue e Magogue (8) para denotar todos os membros da aliança hostil, descendo dos quatro cantos da terra. Diz-se que o seu número é como a areia do mar, mas podemos imaginar que João tinha em mente a passagem já citada de Ez 38.16, que torna claro que uma proporção estritamente limitada da população da terra se envolve nesta última insurreição. O arraial dos santos (9) é presumivelmente a Jerusalém celestial. Um paralelo extraordinário a este retrato da destruição por fogo de Gogue e Magogue ocorre em 2 Esdras 13.1-11, João, contudo, ainda está seguindo Ezequiel (Ez 38.22), O diabo compartilha a sorte da besta e do falso profeta. Sugere que o falso profeta é realmente reconhecido como um indivíduo, e talvez tão demoníaco quanto os seus dois companheiros; ver Ap 13.11-12; Ap 16.13-14; Ap 19.20. Porém há uma possibilidade em contrário; ver Ap 20.14.

Se o fugir da terra e do céu da face de Deus é tomado em qualquer sentido literal como o precursor da nova terra, e

do novo céu (cfr. 2Pe 3.10-13), então o espetáculo solitário do grande trono branco como a única realidade para a qual os homens podem olhar é verdadeiramente uma coisa pavorosa; cfr. 2 Esdras, 7.30-43. Mas a descrição pode ser puramente poética, para aumentar a grandeza terrível da cena. O juiz é o próprio Deus, mas cfr. Ap 22.12. Dá-se por admitida a segunda ressurreição no vers. 12 e somente descrita indiretamente no vers. 13. Pode-se distinguir para menção o mar como receptáculo dos mortos, em vista do horror sentido pelo povo da antiguidade ao enterrarem os seus mortos no mar. Realça-se que todos serão ressurretos para o juízo, seja qual for a maneira da sua morte e seja onde for o seu sepultamento. O julgamento dos homens pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras (12) salienta a justiça, completa do procedimento. O retrato é tirado de Dn 7.10, que pode refletir tanto o corrente procedimento no tribunal, como o hábito dos reis persas de registrar cada pormenor das suas províncias através de um sistema elaborado de espionagem. Deve-se notar que o livro da vida (12,15) tem um testemunho a dar independente do de outros livros. A respeito disto, Alford escreve: "Aqueles livros e o livro da vida davam testemunho independente do fato de os homens estarem ou não entre os salvos: aquele por inferência das obras registradas: e este em inscrição ou não inscrição do nome na relação. De maneira que os livros podiam ser abonadores para o livro da vida".

A morte e o inferno ("Hades") (14) representam o fato de morrer e a condição em que se entra depois da morte, isto é, a vida não ressurreta. Ambos os fenômenos são simbolicamente representados como tendo cessado ao serem aqueles lançados no lago de fogo. Para Lago de fogo (15) como o equivalente de Geena, ver nota sobre Ap 19.20. O pensamento é o mesmo que "o fogo eterno" de Mt 25.41, o reverso completo de "vida eterna" (Mt 25.46). Pode, por conseguinte, ser descrito como a segunda morte (14). Para um paralelo excelente cfr. 2 Baruque 86.4: "Vai agora... e instrui ao povo no que te for possível, para que eles aprendam a fim de não morrerem no último tempo, porém possam aprender a fim de viverem nos últimos tempos".

Comentário de Apocalipse 21

A criação de um novo céu e de uma nova terra (1) ensina-se em Is 65.17; Is 66.22, e implica-se em Sl 102.25-26; cfr. Mt 5.18; Mc 13.31; Lc 16.17; 2Pe 3.12. Encontra menção frequente nos apocaliptistas que, contudo levam ao extremo um pensamento indubitavelmente latente nesta doutrina, que a atual criação (ou pelo menos a sua atual forma) é suficiente ser a cena do reino de Deus aperfeiçoado e eterno. (Para uma afirmação excelente deste ponto de vista, ver 2 Baruque 44.8-12; 73.1-74.3). A afirmação que o mar já não existe tem em vista a corrente personificação do mar como a quinta essência do mal; seja o que for mais que se significa aqui, portanto, o sentimento principal é a exclusão do mal da nova ordem de vida. A santa cidade (2) descreve-se mais em 21.9, se bem que lá esteja em vista a sua manifestação na época milenária, enquanto aqui se mostra como o alvo final de uma humanidade redimida no estado eterno. A cidade é na realidade a Igreja, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido; este aspecto da relação da Igreja com Cristo já tem sido revelado em Ap 19.7-9 (ver notas). Uma voz do trono proclama a unidade de Deus com o homem daí por diante. O tabernáculo de Deus (3) pode aqui referir-se não ao "tabernáculo no deserto", mas à glória chequiná; o equivalente grego *skene* tem um som semelhante ao chequiná em hebraico, e este último veio a ser usado regularmente como um dos termos alternativos para o nome de Deus; cfr. Pirke Aboth 3.3, "Quando dois se assentam e há entre eles palavras da Torá, a "Chequiná" repousa entre eles". Observem-se as variantes textuais na última cláusula deste versículo como verificado na atualizada. Cfr. vers. 4 e Ap 7.17; 1Co 15.54; Is 35.10. O pensamento dos vers. 4 e 5 aplica-se em 2Co 5.17 à atual experiência dos cristãos, que já têm sido trasladados ao reino de Deus (Cl 1.13) e prova os poderes da

época por vir (Hb 6.5). Está cumprido (6), ver nota sobre Ap 16.17. Observe-se que Deus tanto é Ômega como Alfa, o fim tão bem como o começo; o seu caráter garante a verdade desta revelação e a certeza da consumação que ela apregoa. A promessa graciosa que se acrescenta (6) ecoa Is 55.1. Uma final promessa encorajadora dá-se no vers. 7 ao cristão que permanece; todas as coisas, as bênçãos da santa cidade no milênio e na nova criação, serão a sua herança.

Em contraste do vencedor que herda o reino estão aqueles que dele se excluem. Em primeiro lugar, são os tímidos (8) ou antes os pusilânimes, que, por medo dos homens negam a Cristo e cultuam ao anticristo (contrastar 2Tm 1.7, "Deus não nos deu o espírito de timidez"). Com estes se unem os incrédulos ou, talvez, "infiéis", incluindo tanto os cristãos renegados como os pagãos; cfr. Tt 1.15-16. Os abomináveis assim se tornaram através do seu culto à besta; ver Ap 17.4-5. O sentimento deste verso ecoa o ensino do Novo Testamento como um todo; cfr. por ex., Mt 25.41-43; Lc 13.28; Jo 3.36; 1Co 6.9-10; Tg 5.1; 1Pe 4.17-18; etc.

Para razões que sugerem que esta seção se refere à cidade de Deus na era milenária, em vez do estado eterno, ver introdução aos capítulos 20-22. A revelação da noiva tem sido antecipada em Ap 19.7-9, onde se diz que ela se tem preparado para o seu marido. Aqui se cumpre a promessa, não, contudo, em termos de uma metáfora nupcial, mas sob a figura de uma cidade. (Para um paralelo estranhamente próximo a este procedimento, cfr. 2 Esdras 10.25-27). O vers. 10 é tão semelhante a Ez 40.2, que devemos supor que João o tinha em mente. Pareceria, por conseguinte, que o profeta viu a cidade descer do céu sobre o monte onde ele estava. O céu vem à terra no reino de Deus. A luz da cidade compara-se a de uma pedra de jaspe, como o cristal resplandecente (11); isto é, tem uma glória como a do Criador, cuja aparência se diz ser como a de pedra de jaspe (Ap 4.3).

O grande e alto muro (12) serve o duplo propósito de guardar fora os que não têm parte nas bênçãos da cidade (Ap 21.27; Ap 22.14-15) e de garantir a segurança eterna dos seus habitantes. As doze portas são inscritas com os nomes das doze tribos dos filhos de Israel (12), isto é, o "Israel de Deus", a Igreja; ver notas sobre Ap 7.1-8, 11.1-2. Por esta característica João alega que "através das igrejas, em toda a parte do mundo (aqui doze, porém, uma só, como nos cap. 1-3 elas eram sete, porém, uma só), jaz a entrada à cidade de Deus" (Kiddle).

Os doze fundamentos (14) parecem não estar sobrepostos um no outro, mas formar uma cadeia contínua de várias espécies de pedra em torno do muro da cidade, dividida por suas doze portas. Os doze apóstolos correspondem às doze tribos do vers. 12 e, como estes, denotam o corpo na sua coletividade em vez dos membros individuais; não há, portanto, nenhuma necessidade para especular sobre se o nome de Paulo está incluído, ou não, nos "doze", e, se assim for, o nome de quem foi omitido; não se ergue a questão.

A cidade estava situada, em quadrado (16); mal se torna necessário citar que os gregos consideravam o quadrado como símbolo de perfeição; é mais provável que se menciona este formato para recordar o santo dos santos no antigo templo, que também era um cubo (1Rs 6.20); a cidade toda é um santuário para Deus e participa da santidade do antigo sacrário interior. Doze mil estádios (16) (gr. stadioi) representam 2.500 km, se bem que, para traduzi-lo em termos modernos, é roubar à medida o seu óbvio simbolismo-um múltiplo infinito de doze (note-se a proeminência do número doze nesta visão da glória da Igreja). O sentido deste grande algarismo ilumina-se pelo dito rabínico que Jerusalém seria aumentada até alcançar as portas de Damasco e exaltada "até alcançar o trono de Deus". A Nova Jerusalém se estende da terra ao céu e os une em um só. Cento e quarenta e quatro côvados (17) (cerca de setenta metros-72 jardas) novamente deriva a sua significação de ser o múltiplo perfeito de doze. Se foi aceitável a explanação anterior da grande altura da cidade, não há necessidade para realçar a disparidade evidentemente absurda entre a altura da cidade e a do muro; o muro é forte bastante para servir ao seu propósito, mas a cidade tem a função extraordinária de unir a terra e o céu. Há pouca dúvida de que, como no caso de suas dimensões, assim com a enumeração dos materiais da cidade, João usa, propositadamente a linguagem de

símbolo; ele não está simplesmente descrevendo riqueza fantástica. Ele já disse que o lustre da cidade é como jaspe, a aparência de Deus (ver o vers. 11); ele agora declara que todo o muro é feito dele. O ouro puro pode aludir a tal pensamento como em #Ap 3.18. As doze pedras de fundamento do muro, a despeito de certas dessemelhanças em nossas traduções, parecem ser idênticas com as do peitoral do Sumo Sacerdote (Êx 28.17-20). Com respeito a estas, tem sido estabelecido através de evidência tirada de Filo, Josefo, e monumentos egípcios e árabes, que cada uma destas jóias representa um dos doze sinais do Zodíaco. Um exame da ordem das pedras preciosas do nosso texto dá o resultado assombroso que elas retratam o progresso do sol através dos doze sinais, mas em ordem contrária. Tal fenômeno não podia ser acidental. Dele Charles deduz que João aqui mostra que a cidade santa de suas visões não tem nada que ver com as correntes especulações pagãs acerca da cidade dos deuses. Esse pensamento acentua-se pela inscrição dos nomes das doze tribos nas portas da cidade e os dos apóstolos nos fundamentos da cidade. Numa cidade modelada no santíssimo lugar, não há necessidade de um templo (22); tudo é santo e Deus em toda a parte se adora. Cfr. Jo 4.21. Com o vers. 23, cfr. o vers. 11; ver também Is 60.19-20. Como nesta última passagem, condições terrestres estão claramente em vista. Enriquece-se o pensamento quando se recorda que os leitores originais conheceriam o conceito pagão de que são deuses o próprio sol e a lua; longe de serem deuses, desvanece a sua glória nativa ante o resplendor do Senhor Deus e do Cordeiro.

Vers. 24-26 reproduzem a substância de Is 60.3-11. Eles descrevem a relação entre a cidade de Deus e as nações da terra durante o milênio. Para todos que a desejarem, a comunhão entre o céu e a terra será ininterrupta nessa era. Ainda existe na terra, mesmo quando Satanás não mais exerce a sua influência, a "contaminada" e "o que pratica abominação e mentira" (27). Para os tais há, como se fosse, "uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24). Com isto e os versos que se seguem cfr. Ap 22.14-15.

Comentário de Apocalipse 22

O rio puro da água da vida (22.1), em vista de Ap 7.17; Ap 21.6; Ap 22.17, denota um conceito puramente espiritual, "as fontes das águas da vida" vendo-se talvez, por assim dizer, como a origem deste puro rio. Nós nos lembramos que o Jardim de Éden tinha um rio (Gn 2.10), e na visão de Ezequiel corria um rio do templo, possuindo propriedades naturais de cura (Ez 47.8-11) . A árvore da vida (2), dessemelhante em Gn 2.9; Gn 3.22, aqui, trata-se coletivamente; há árvores em cada lado do rio, dando uma fruta diferente para cada mês do ano e folhas com propriedades de cura. O quadro se tira de Ez 47.7,12, no entanto, como no caso da água da vida, os poderes de cura das folhas tomam-se em sentido puramente espiritual. Através da Igreja, os homens dessedentarão a sua sede espiritual no reino de Deus e receberão sustento espiritual, adquirindo cura deste modo para as feridas do pecado. Isto supre uma parte pictorial correspondente ao cântico profético de Ap 15.4.

Ali nunca mais haverá maldição (3) pude simplesmente significar que coisa alguma impura ou abominável encontrará entrada na cidade santa (Ap 21.27). No entanto, é mais provável que temos aqui u m contraste propositado à maldição pronunciada no paraíso original, que trouxe calamidade para toda a criação (Gn 3.14-19). Os efeitos dessa maldição têm sido completamente superados na Nova Jerusalém. O alvo da humanidade redimida é que verão o seu rosto (4). Tal visão acarretará a transformação dos que o vêem na mesma imagem (1Jo 3.2). Para os nomes das suas testas, ver notas sobre Ap 3.12; Ap 19.12. No vers. 5 a afirmação absoluta é a melhor tradução, "Então já não haverá noite"; no entanto, é essencialmente correto: E ali não haverá mais noite, pois, como em Ap 21.23, a cidade de Deus está em mente (ver nota sobre Ap 21.23). Sente-se às vezes que a afirmação e reinarão para

toda o sempre se contrapõe a "e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos" (Ap 20.4), esta sendo temporal, aquela eterna. Isto pode ser correto, porém certamente não no sentido que a referência maior exclui a menor, como se o milênio tivesse terminado este tempo; cfr. A afirmação paralela com respeito ao governo de Deus em Ap 11.15, onde "ele reinará para todo o sempre" inclui o reino milenário.

Nesta conclusão, três temas encontram expressão proeminente: a autenticidade das visões narradas (vers. 6-7,16,18-19), a iminência da vinda de Cristo (vers. 6-7,10-12,20), e a necessidade de santidade em vista da consumação impendente (vers. 10-15). É impossível ter certeza, quanto à identificação dos que falam nos vários parágrafos. Vers. 6-7,16, parecem como palavras de Cristo, vers. 10-15, palavras do anjo, vers. 8- 9,17-19,20b-21, acréscimos de João. Mas é possível uma grande quantidade de variação, especialmente se, como, pensam alguns, tem havido deslocações no texto subseqüente à sua publicação, Em última análise, pouco importa; o que fala é finalmente Cristo, cujo mensageiro é o anjo (9), e cujas palavras João registra como profeta (10).

O que fala (6-7) parece ser o nosso Senhor. Suas palavras, como o seu caráter, são fiéis e verdadeiras (Ap 3.14; Ap 19.11). Ele presto vem: (7). Não há justificativa para traduzir o gr. tachy como "de repente"; tal interpretação faria sentido estranho ao vers. 6, "coisas que "de repente" (en tachei) hão de acontecer", uma impossível tradução em vista do ensino do livro. Ver mais a nota sobre Ap 1.1. A inclusão dos vers. 8-9 por João não significa necessariamente que alguns dos seus leitores mais antigos praticavam o culto aos anjos, se bem que é verdade que a prática tinha um lugar entre os judeus (por ex. Test. Dn 6.2; Test. Levi 5.5) e até entre cristãos (Cl 2.18). A experiência de João é bastante natural e a sua narração aqui não precisa de outra explanação do que a sua real ocorrência e interesse intrínseco. Não é tanto uma polêmica contra o culto aos anjos como uma correção da sobreexaltação de todos os instrumentos de revelação; anjos e profetas e cristãos comuns todos se nivelam perante Deus.

A injunção no vers. 10 é o reverso de Dn 8.26; Dn 12.4,9, e do que nós vemos em s judaicos de modo geral. Enquanto estes profetizavam de tempos (ostensivamente) remotos, a mensagem era de importância imediata (o tempo está próximo) e foi entregue em seu próprio nome. Há ironia nas palavras do vers. 11 no que se prende aos maus. Daniel dissera (Dn 12.10) que nos últimos dias muitos seriam purificados pela experiência da tribulação, porém os ímpios procederiam impiamente; isto é, na última crise, os homens revelarão o seu verdadeiro caráter e se aliarão, ou ao lado de Deus, ou ao lado do diabo. Esse ensino acentua-se continuamente neste livro (Ap 7.1-8; Ap 11.1-2; Ap 12.6; Ap 13.1-14.5, etc.). Aqui recebe a sua final exposição. Desde que o tempo está próximo, o homem que insiste em se apegar ao mal nele continue; ele cedo enfrentará o seu juízo. Quanto aos justos e santos, que se guardem, para que não caiam com o erro dos maus; o seu Senhor cedo virá para a sua redenção e recompensa, Fazer desta afirmação uma doutrina da fixidez irremediável do homem nos últimos tempos, que, para João, estavam próximos, é insustentável, tanto do contexto como do ensino geral do livro (ver Ap 22.17; Ap 14.6-7; Ap 15.4; Ap 21.6-8). Cfr. vers. 12 e Ap 11.18, Is 40.10; Rm 2.6. Também para o vers. 13, ver nota sobre Ap 1.8.

No vers. 14, nós temos a última bem-aventurança desta espécie no livro: "os que lavam as suas vestiduras" ou que guardam os seus mandamentos significa virtualmente "os que vencem"; ver Ap 6.11 n.

A conjunção do vers. 15 com este verso parece indicar que o direito (a vir) à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas -refere-se aos privilégios do reino do milênio; cfr. Ap 21.24 e Ap 22.2. O vers. 15 quase repete Ap 21.8. Ver nota, sobre Ap 21.27. Alhures nas escrituras, cães denotam aderentes ao culto pagão; cfr. Dt 23.18 (onde "cão" significa sodomita), Mt 15.26; Fp 3.2 (onde "cães" significa os judaizantes turbulentos). Swete, por conseguinte, tende a identificá-los aqui com os abomináveis de Ap 21.8 (ver nota), Vers. 16 é uma outra atestação pelo Senhor da autenticidade da profecia; cfr. Ap 1.1; Ap 22.6. Cristo como raiz e geração de Davi cumpre Is 11.1. Como a

resplandecente estrela da manhã, Ele mesmo é o cumprimenta da sua promessa ao vencedor em Ap 2.28 (ver nota).

Lido, naturalmente, o vers. 17, parece ensinar que o Espírito Santo, especialmente como o ativo nos profetas (Ap 19.10), se une à, Igreja em clamar a Cristo para vir à, terra, segundo a sua promessa (7,12). O ouvinte da profecia deste livro, à proporção que se lê nas Igrejas, solicita-se a fazer outro tanto. O pecador penitente convida-se a participar com os santos do dom da vida eterna em Cristo. Alguns, contudo, interpretam todos os apelos para "vir" como dirigidos ao pecador.

João tem sido criticado acerbamente por muitos pelo fato de concluir a sua profecia como a declaração contida nos vers. 18-19, que quase equivale a uma maldição. Certamente era uma precaução costumeira para os escritores antigos proteger as suas obras contra mutilação e interpolação, acrescentando tal anátema (Cfr. 1 Enoque 104.10-11, 2 Enoque 48.7-8, Carta de Aristeas 210-211). Swete, contudo, objeta a tal interpretação do sentido de João: "Se a advertência solene do presente versículo tivesse esta intenção, tem falhado redondamente; pois em nenhum outro livro do Novo Testamento é o texto tão incerto como no . Porém, como o seu arquétipo em Deuteronômio (Dt 4.2, 12.32), tem uma referência mais profunda; não é um mero *lapsus calami*, nenhum erro de juízo ou meramente falta intelectual que se condena, mas a premeditada falsificação ou má interpretação da mensagem divina. Não é a letra do, mas o seu espírito que se guarda tão zelosamente". Podemos assim, não inadequadamente, comparar a conclusão de Paulo em 1Co 16.22.

A resposta de João à promessa de Cristo (20) corresponde à senha aramaica a que já se fez referência em 1Co 16.22, "Maranata", "O nosso Senhor vem". A bem-aventurança (21) lembra-nos que a profecia é, na realidade, uma carta, cujas lições devem ser pessoalmente apropriadas. Somente pela graça do Senhor Jesus Cristo pode essa vitória ser ganha, a qual terá a recompensa revelada neste livro. Não a recebamos em vão.